

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Departamento de Linguística e Literatura**

**Curso de Mestrado em Linguística**

**MORFOFONOLOGIA DAS MARCAS DO PRESENTE E FUTURO EM COPI**

Supervisor: Professor Catedrático Armindo Ngunga

Candidata: Nelsa João Nhantumbo

Maputo, Outubro de 2014

## Lista de Abreviaturas

|             |   |
|-------------|---|
| A           | Aspecto                                       |
| Afir        | Afirmativa (forma)                            |
| C           | Consoante                                     |
| CVC         | Consoante, Vogal, Consoante                   |
| CVCVC       | Consoante, Vogal, Consoante, Vogal, Consoante |
| Ext         | Extensões                                     |
| Fut Prox    | Futuro Próximo                                |
| Fut Dist    | Futuro Distante                               |
| MA          | Marca de Aspecto                              |
| MN          | Marca de Negação                              |
| MO          | Marca de Objecto                              |
| MS          | Marca de sujeito                              |
| MT          | Marca de Tempo                                |
| Neg         | Negativa (forma)                              |
| Pass Perf   | Passado Perfectivo                            |
| Pass Imperf | Passado Imperfectivo                          |
| PI          | Pré-inicial                                   |
| Pres Fact   | Presente factual                              |
| Pres Hab    | Presente Habitual                             |
| PS          | Pós - sujeito                                 |
| VF          | Vogal Final                                   |

## **DECLARAÇÃO**

Declaro, por minha honra, que a dissertação que submeto à Universidade Eduardo Mondlane, em cumprimento dos requisitos para a obtenção do grau de mestrado em linguística, nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer outro grau académico e que constitui resultado da minha investigação pessoal e independente, tendo indicado no texto e na bibliografia as fontes que usei.

O candidato

---

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar quero endereçar o meu agradecimento ao Professor Ngunga que aceitou receber uma estudante que, no desespero, procurou por ele para concluir o seu trabalho. Sem o apoio e a paciência incondicional, muito teria ficado perdido.

Em segundo lugar, agradeço ao Professor Fábio Bonfim que, mesmo conhecendo a “teimosia” do Professor Ngunga em relação à análise e organização do trabalho, nunca deixou de “dar uma mão” no trabalho. Agradeço-o também pelo rico acervo bibliográfico que me disponibilizou.

Em terceiro lugar, agradeço aos meus colegas da Secção de Línguas Bantu, Secção de Linguística e Literatura e a todos os outros colegas da Faculdade de Letras e Ciências Sociais que, directa ou indirectamente, contribuíram para a elaboração desta dissertação.

Um obrigado especial vai para o meu colega Gervásio que vezes sem conta recebeu *emails* meus solicitando auxílio sobre os dados da língua *copi*.

À Crisófia da Câmara que se disponibilizou a enfrentar a fila da *Xerox* para reproduzir a tese e fazê-la chegar ao Registo Académico, muito obrigada.

À Domingas, que mais do que estudante é uma amiga e companheira. Quantas vezes se viu encandeada pela luz da *quitinete*, durante as madrugadas, e não se opôs a tal. Dó, muito obrigada!

À Pércida, que se viu envolvida na resolução de questões domésticas e profissionais; viu seu final de semana destruído para poder fazer a revisão linguística do trabalho. Muito e muito agradecida, amiga!

Em quarto lugar, agradeço aos meus pais, minhas fontes de vida que, incondicionalmente, cuidaram do meu tesouro, Erik e por insistirem em perguntar pelo diploma de mestrado. Foi também a insistência e a força deles que me levou a encarar a distância que separa Maputo de Brasil.

Por fim, não menos importante, pelo contrário, o mais importante, agradeço ao meu grande e único tesouro, Erik, meu filho. Foi com tristeza e lágrimas que nos separámos por quatro meses. Mas a força e vontade de ver o trabalho concluído foi enorme que conseguimos fazer passar os quatro meses em dois tempos.

Muito obrigada a todos!

**LISTA DE CONTEÚDOS** **PÁG.**

Lista de Abreviaturas..... i

Declaração .....ii

Agradecimentos .....iii

**CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO**

1.1.Introdução .....1

1.2. A língua *copi* e seus falantes .....3

1.3. Objectivos da pesquisa .....4

1.4. Motivação e relevância da pesquisa .....5

1.5. O problema da pesquisa .....6

1.6. Hipóteses .....7

1.7. Quadro teórico .....7

1.8.Organização do trabalho .....9

**CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE TRABALHO**

2.1. Introdução .....10

2.2. Metodologia de trabalho .....10

2.2.1. Recolha de dados .....11

2.2.2. Análise de dados .....13

### **CAPÍTULO III: REVISÃO DA LITERATURA**

|   |    |
|---|----|
| 3.1. Introdução .....   | 15 |
| 3.2. Estudos anteriores relativos à morfologia e fonologia verbal das línguas bantu . | 16 |
| 3.3. Conceitos operatórios .....  | 17 |
| 3.3.1. Fonologia .....  | 17 |
| 3.3.2. Morfologia .....   | 19 |
| 3.4. O tempo verbal .....   | 29 |
| 3.4.1. Aspecto .....  | 32 |
| 3.4.3. O tom .....  | 33 |

### **CAPÍTULO IV: MORFOFONOLOGIA DO VERBO EM COPI: AS MARCAS DO PASSADO E DO FUTURO**

|  |    |
|--|----|
| 4.1. Introdução .....  | 35 |
| 4.2. O tempo passado .....   | 35 |
| 4.3. O tempo presente .....  | 40 |
| 4.3.1. A forma afirmativa .....  | 42 |
| 4.3.2. A forma negativa .....  | 46 |
| 4.4. O tempo futuro .....  | 50 |
| 4.4.1. A marcação do tempo futuro na afirmativa .....                                | 51 |
| 4.4.2. A marcação do futuro na negativa .....  | 56 |
| 4.5. A representação do presente e futuro na estrutura morfológica do verbo em Copi. | 57 |

## **CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| 5.1. Introdução .....                 | 63 |
| 5.2. Conclusões e recomendações ..... | 63 |

|                          |           |
|--------------------------|-----------|
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b> | <b>66</b> |
|--------------------------|-----------|



# **CAPÍTULO I**

## **INTRODUÇÃO**

### **Resumo**

O presente trabalho pretende fazer uma caracterização exaustiva de dois tempos verbais em *Cicopi*, nomeadamente, o presente e o futuro. Num trabalho anterior para a obtenção do grau de Licenciatura, realizado em 2005, a autora descreveu o tempo passado em *Cicopi*. Uma das características desta categoria flexional é a ocorrência de um morfema em posição final do verbo.

O presente estudo descreve e analisa as características dos dois tempos verbais acima referidos, presente e futuro, para verificar as similaridades e diferenças, do ponto de vista estrutural e funcional de modo a permitir fazer generalizações sobre o funcionamento das categorias flexionais do verbo, um aspecto relevante para compreender o funcionamento da gramática de *Cicopi*.

### **1.1. Introdução**

Observando o conjunto de trabalhos sobre as línguas bantu de Moçambique, constata-se que o estudo científico de muitas delas é relativamente recente. Este facto faz com que muitos aspectos que permitem compreender o funcionamento das gramáticas destas línguas ainda estejam por descrever.

Os primeiros trabalhos remontam dos tempos antes da independência nacional como são os casos de Torrend (1891, 1900) com estudos sobre a língua *sena*, Benoit (1914) e Nogueira (1957, 1959, 1960) que se concentraram no estudo de *Rhonga*, Dos Santos (1941) que trouxe um estudo

sobre a língua *copi*, Prata (1960) com a Gramática de *Makhuwa* e Viana (1961) com estudos sobre *Yaawo*. Estes são alguns dos exemplos.

Mais tarde, após a independência, começam a surgir estudos desenvolvidos por moçambicanos. Numa primeira fase, os estudos surgem visando a obtenção de níveis académicos como são os casos de Katupha (1991), Ngunga (1997), Liphola (2001), Siteo (2001) para a obtenção do nível de doutoramento. Com estes e outros estudos, mais recentemente Langa (2012) e Macalane (2012) visando, também, alcançar o nível de doutoramento, as línguas moçambicanas conheceram um novo alento.

Para além dos estudos visando a obtenção de um nível académico, mais recentemente, as línguas moçambicanas começaram a constituir alvo de pesquisa linguística. Essa pesquisa, ainda que com resultados modestos, tem-se mostrado mais sólida que na fase anterior, quer na área de linguística descritiva (Ngunga 2002, Ngunga e Simbine 2012) quer na área de lexicografia (Siteo 1996, 2001, 2012, Siteo et al 2008), além de dezenas, ou mesmo centenas, de artigos publicados em várias revistas científicas ou em capítulos de livros com revisão de pares.

A presente pesquisa enquadra-se no grupo de estudos visando a obtenção de um grau académico. Observando uma espécie de correlação entre os marcadores de tempo e a estrutura verbal, o presente trabalho pretende, como tema geral, descrever e analisar o tempo verbal na língua *copi*, com enfoque para os tempos presente e futuro, com o objectivo de mostrar que, embora os tempos presente e futuro indiquem duas dimensões temporais distintas, existem similaridades do ponto de vista estrutural e funcional, mas há diferenças entre si, relativamente à ocorrência de marcadores temporais e à posição exacta desses marcadores na estrutura da forma verbal em que eles ocorrem.

Outra questão de interesse para a presente pesquisa é saber se, para além de morfemas que indicam o tempo verbal, existem outras propriedades que concorram na distinção entre os tempos presente e futuro.

A variante escolhida para esta dissertação é *Cicopi*, falada predominantemente na província de Gaza na região que se estende de Mavila à Madendere, no distrito de Manjacaze.

A escolha desta variante prende-se com duas razões principais. A primeira razão está relacionada com o facto de, em estudos anteriores (cf. Nhantumbo, 2005), a autora ter feito uma descrição detalhada do tempo passado em *Cicopi*, na qual se demonstra haver uma certa relação entre a ocorrência de morfemas temporais e uma dependência posicional dentro da estrutura da forma verbal. A segunda razão que justifica a escolha de *Cicopi* é a necessidade de fazer uma descrição completa das três principais dimensões temporais básicas da língua, a saber, passado, presente e futuro.

Acredita-se que isso vai permitir o desenho do quadro mais exaustivo sobre o funcionamento de flexões verbais em *Cicopi* e, assim, chegar a generalizações sobre o funcionamento da gramática desta língua, no que concerne ao verbo.

## **1.2. A língua Copi e seus falantes**

A língua *copi* (S<sub>63</sub> na classificação de Guthrie 1967-71) é falada, predominantemente, nas províncias de Gaza e Inhambane, por cerca de 303.740 pessoas (INE 2010).

Embora não existam, ainda, estudos dialectológicos sobre a língua, há dados que apontam que o *Cicopi* possui seis variantes (Ngunga e Faquir, 2011) distribuídas segundo a tabela seguinte:

| Variante   | Província | Distrito        | Localidade e/ou Vila               |
|------------|-----------|-----------------|------------------------------------|
| Cindonje   | Inhambane | Inharrime       |                                    |
| Cilenge    | Gaza      | Manjacaze       | Chidenguele, Nhamavila e Chongoene |
| Citonga    | Inhambane | Zavala, Jangamo | Mavila, Quissico, Guilundo e       |
| Cicopi     | Gaza      | Manjacaze       | De Mavila `a Madendere             |
| Cilambwe   | Inhambane | Zavala          | Quissico                           |
|            | Gaza      | Manjacaze       | Chidenguele                        |
| Cikhambani | Inhambane | Homoíne, Panda  |                                    |
|            | Gaza      | Manjacaze       | Manjacaze e Chibuto                |

***Tabela 1: Variantes de Cicopi e sua distribuição geográfica***

O presente trabalho elegeu a variante *Cicopi* falada na província de Gaza, mais especificamente entre as localidades de Mavila e Madendere.

Na secção 1, foi dito que a escolha desta variante foi motivada pela necessidade de se obter um quadro mais completo do estudo das formas verbais nesta língua, atendendo que pesquisas anteriores sobre o tempo passado, permitiram responder a apenas parte de questões relevantes relacionadas ao funcionamento de tempos verbais.

### **1.3. Objectivos da Pesquisa**

#### **1.3.1. Gerais:**

Constituem objectivos gerais da pesquisa descrever e analisar as principais características morfofonológicas que distinguem o tempo presente do futuro em Cicopi.

Nos últimos tempos, tem-se argumentado que em algumas línguas bantu, além da informação morfológica, as propriedades prosódicas desempenham um papel importante na distinção de tempos verbais (Liphola, 2001).

Este estudo faz a caracterização dos elementos que indicam os tempos verbais, com o objectivo de identificar as semelhanças e diferenças existentes e verificar até que ponto o *Cicopi* se assemelha a outras línguas bantu, particularmente as faladas em Moçambique.

### **1.3.2. Específicos:**

Para alcançar os objectivos gerais acima apresentados, são definidos os seguintes objectivos específicos:

- Identificar a estrutura morfológica do verbo em *Copi*;
- Identificar as marcas dos tempos, presente e futuro em *Copi*;
- Identificar e descrever os processos morfofonológicos envolvidos na formação dos tempos presente e futuro em *Cicopi*.

### **1.4. Motivação e Relevância da Pesquisa**

O estudo das marcas da flexão verbal em *Cicopi* afigura-se relevante por três razões fundamentais. Primeiro, os diferentes estudos existentes sobre as marcas de tempo nas línguas bantu (Macalane 1993, Afido 1996, Langa 2008, entre outros) têm dado maior ou quase exclusivo enfoque ao exame de verbos na sua forma positiva, sem a sua contraparte negativa. Esse facto não tem permitido captar de forma exaustiva a relação entre a ocorrência do morfema temporal e a sua posição dentro da estrutura da forma verbal.

A presente pesquisa explora as marcas de tempo nas formas positiva e negativa da forma verbal para permitir compreender as suas propriedades morfofonológicas e, deste modo, enriquecer a análise sobre este aspecto importante de funcionamento de gramática de uma língua.

Segundo, esta pesquisa visa explorar o papel de morfemas segmentais e as propriedades prosódicas (tom) na marcação de tempo verbal. Caso essa co-ocorrência seja confirmada, a abordagem sobre os tempos verbais passaria a dar igual peso aos elementos morfológicos e prosódicos em *Copi*.

Uma melhor caracterização de co-ocorrência de morfemas e o tom na marcação de tempos verbais, poderia, de forma particular, contribuir para a construção de uma tipologia das marcas de tempo verbal em bantu, em que, por um lado, teríamos línguas tipicamente caracterizadas pela ocorrência exclusiva de morfemas temporais e, por outro lado, línguas que combinam os morfemas de tempo com propriedades tonais para indicar o tempo, como Shimakonde (Liphola, 2001), Xirhonga (Fumo, 2010) e Xibila, variante de Xichangana falada em Chibuto, Chicualacuala, Xai-xai, Chókwè, Guijá e Macia (Balate Jr., 2010).

Terceiro, a relevância deste estudo reside no facto de uma melhor caracterização dos fenómenos acima referidos poder contribuir para criar impacto positivo nos domínios de produção de textos e manuais escolares de ensino da língua *copi*.

### **1.5. O problema da Pesquisa**

Ao se tentar indicar a relevância da pesquisa na secção anterior, foi colocado, parcialmente, o problema da presente investigação. O principal problema deste trabalho de investigação pode ser colocado mais facilmente desdobrando-o em questões específicas nos seguintes termos:

- a) Quais são os morfemas que indicam o tempo presente e o tempo futuro em *Cicopi*?

b) Que condições determinam o seu posicionamento na estrutura da forma verbal?

c) Será *Cicopi* uma língua em que o tempo verbal é exclusivamente indicado por morfemas segmentais ou uma língua que combina a informação morfológica com a informação tonal?

As questões acima colocadas podem ter um tratamento unificado através de uma pergunta mais genérica. Assim, pode-se resumir o problema da presente investigação na seguinte pergunta: como se caracterizam os tempos presente e futuro em *Cicopi*?

Ao longo das páginas que se seguem traremos elementos de natureza descritiva e analítica por forma a responder esta questão.

## **1.6. Hipóteses**

Face ao problema colocado na secção 1.5, as hipóteses que orientam este estudo são as seguintes:

- i. Os tempos, presente e futuro são marcados exclusivamente por elementos morfológicos segmentais;
- ii. Os tempos, presente e futuro são marcados exclusivamente por elementos tonais;
- iii. Os tempos, presente e futuro são marcados por elementos morfológicos segmentais e tom;
- iv. A posição exacta dos morfemas segmentais e o tipo de tom são determinados pela estrutura e forma do verbo.

## **1.7. Quadro Teórico**

Para o desenvolvimento da dissertação foi usada a teoria da fonologia e morfologia lexical (Kiparsky 1982, 1985). Esta teoria assume que as regras fonológicas são aplicadas a diferentes níveis na gramática, a nível lexical (a nível da palavra) e a nível pós-lexical (a nível do sintagma

ou da frase). A teoria pressupõe ainda que os processos morfológicos estão interligados a processos fonológicos.

Segundo Katamba e Sonham (2006), os proponentes da teoria fonologia e morfologia lexical, afirmam que existe uma relação entre as regras que definem a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas responsáveis pela maneira como uma palavra é pronunciada. Todas essas regras serão encontradas no léxico e organizadas, hierarquicamente, em níveis.

|                    |         |                      |                 |
|--------------------|---------|----------------------|-----------------|
| Exemplo do Inglês: | Sufixo  |                      | output          |
|                    | a. -ion | [[erode] -ion]       | → [erosion]     |
|                    | b. -ive | [[compete (t)] -ive] | → [competitive] |
|                    | c. -al  | [[pope] -al]         | → [papal]       |

Observe-se que, quando os afixos são acrescentados às bases, provocam uma alteração de ordem fonológica. Em a) há uma alteração da consoante [d] para [ʒ]; em b) o sufixo -ive requer a introdução de uma extensão -it, causando ainda uma mudança na vogal da raiz; e em c) a qualidade das vogais também muda.

Em suma, as regras fonológicas- regras lexicais, estão intimamente ligadas às regras morfológicas aplicadas na estrutura da palavra. Normalmente, quando se aplica uma regra morfológica, as regras fonológicas são, automaticamente, activadas- nível lexical.

A nível pós-lexical, as regras não estão ligadas às regras de formação de palavras (Katamba e Stonham 2006). As regras são aplicadas quando palavras já formadas são colocadas em sintagmas. O Changana é um dos exemplos de interacção morfologia - sintaxe (Langa 2013).

Para a presente dissertação interessa-nos o nível lexical, embora possamos recorrer ao nível pós-lexical, tendo em conta a natureza dos dados.



## **1.8. Organização do trabalho**

Esta dissertação está organizada em cinco (5) capítulos. O capítulo I, introdutório, além das secções 1 e 1.1 que fazem a contextualização do trabalho, apresenta a secção 1.2, onde se faz a caracterização geral da língua, e 1.3, que apresenta os objectivos da pesquisa. As secções 1.4 e 1.5 lidam com a motivação que preside a escolha do objecto da presente dissertação e com a identificação do problema, respectivamente. Ainda dentro do capítulo I, a secção 1.6 apresenta as hipóteses que sugeriram possíveis rumos para a realização do trabalho de investigação; a secção 1.7 onde se apresenta o quadro teórico que conduziu a análise dos nossos dados e, finalmente, a secção 1.8, onde se apresenta a organização do trabalho.

O capítulo II é dedicado à metodologia adoptada na presente pesquisa, quer para a recolha de dados, quer para a análise dos dados. O capítulo III ocupa-se da revisão bibliográfica. O capítulo IV apresenta a descrição e análise de dados. Finalmente, o capítulo V é reservado às conclusões e recomendações.

## **Capítulo II**

### **METODOLOGIA DE TRABALHO**

#### **2. 1. Introdução**

Este capítulo ocupa-se de questões metodológicas. Nas secções que se seguem, são descritas as técnicas utilizadas na realização da presente pesquisa. Para efeitos de clarificação, o capítulo começa com uma questão prévia relacionada com a diferença entre “método” e “metodologia”.

Em seguida, apresenta-se a definição e descrição detalhada de cada um dos métodos utilizados na presente pesquisa, quer na colecta de dados que constituem o corpus , quer na análise dos mesmos..

#### **2.2. Metodologia**

Uma questão prévia, mas não trivial, que julgamos pertinente clarificar relaciona-se com a diferença entre método e metodologia, embora não se pretenda neste trabalho discutir este assunto com profundidade.

Nas nossas leituras dos trabalhos anteriores, notámos que muitos estudantes usam as palavras “método” e “metodologia” uma em vez da outra, como se de sinónimos se tratasse. Entretanto, existem diferenças significativas entre elas e, portanto, com vista a ter segurança e domínio dos conceitos operatórios, consideramos relevante clarificar.

De acordo com “Escritores de Dissertação Profissional”, “Métodos” são procedimentos, a forma sistemática de fazer coisas, enquanto “metodologia” é o conjunto de métodos. Assim, por exemplo, o uso do método de entrevistas, o método de consulta bibliográfica e outras técnicas

que permitam realizar uma pesquisa científica de acordo com procedimentos estabelecidos de forma lógica constituem a “metodologia” de trabalho.

De acordo com o ponto de vista acima colocado, a metodologia utilizada na presente pesquisa comporta um conjunto de métodos independentes, mas complementares, na medida em que eles concorrem para dar resposta ao problema colocado.

Feita esta breve distinção entre “método” e “metodologia”, vamos descrever os métodos de pesquisa utilizados neste trabalho.

Três diferentes métodos foram utilizados, nomeadamente, o método de entrevista (estruturada e semi-estruturada), o método filológico e o método de introspecção.

De forma geral, vamos descrever cada uma destas técnicas metodológicas para mostrar a sua relevância e complementaridade, sobretudo, em trabalhos de pesquisa da natureza da que nos propusemos realizar.

### **2.2.1. Recolha de dados**

O primeiro método utilizado neste trabalho foi o filológico. Segundo Ruiz (1996), este método consiste em consultas de um conjunto de informação documental relevante sobre o assunto em análise, tendo em conta aspectos que corroboram os diferentes pontos de vista e as dissemelhanças existentes na abordagem do tema de pesquisa.

O método filológico inclui, ainda, a consulta de fontes secundárias na recolha de informação relevante adicional sobre o tema em análise, a partir de material escrito já existente (Severino 2000).

No caso específico da presente pesquisa, embora seja escassa a informação relativa aos estudos da língua *Copi*, com base no método filológico, foi feito o levantamento de trabalhos anteriores na recolha de dados importantes para o trabalho a ser desenvolvido. De salientar que o levantamento de dados não foi só sobre a língua em estudo. Procurou-se buscar também informação sobre a questão da morfologia e fonologia do verbo em outras línguas de forma a sustentar o quadro teórico de análise de dados que nos propusemos aplicar.

O segundo método utilizado nesta pesquisa foi o de entrevistas. Segundo Ruiz (1996) o método de entrevistas consiste no diálogo com um informante, com o objectivo de colher dados relevantes para uma determinada pesquisa.

Dois tipos de entrevista foram empregues, nomeadamente, entrevistas estruturadas e semi-estruturadas. Diz-se que a entrevista é estruturada quando ela se baseia em um questionário previamente elaborado e o entrevistado obriga-se a dar respostas às perguntas fechadas em torno das questões sobre as quais se pretende obter a informação. As entrevistas são semi-estruturadas quando, ao longo da entrevista, é permitida a possibilidade de se fazerem outras perguntas, além das previamente elaboradas, para obter esclarecimentos adicionais sobre as matérias que se pretende investigar. Além disso, o uso da técnica de entrevistas semi-estruturadas dá campo a uma interacção maior entre o pesquisador e o informante, na medida em que se estabelece um pequeno diálogo sobre as matérias em discussão.

Na presente dissertação, foi privilegiada a técnica de entrevista estruturada e esta foi complementada pelas entrevistas semi-estruturadas.

Com efeito, a realização das entrevistas baseou-se num questionário previamente elaborado em língua portuguesa, contendo um total de 20 verbos. Estes verbos foram conjugados na 1ª pessoa do singular, no presente e no futuro e, de seguida, inseridos em frases. É de salientar que no acto

de inserção dos verbos nas frases, foram consideradas várias pessoas gramaticais. Para cada tempo verbal foram construídas 20 frases na forma positiva com os verbos no tempo presente e outras 20 na forma negativa. Igualmente, no tempo futuro, foram consideradas 20 frases na forma positiva e 20 na forma negativa, totalizando 80 frases.

Com base no questionário previamente elaborado, foram seleccionados, aleatoriamente, dois informantes, ambos falantes de Português e *Copi*. Solicitou-se que cada informante produzisse oralmente, em *Copi*, os verbos e a frase correspondentes ao Português. O informante não teve acesso ao questionário, tendo apenas respondido às perguntas oralmente, com base na leitura das mesmas em Português pelo entrevistador.

Todas as frases produzidas em *Copi* pelos informantes foram gravadas em *chip* electrónico e em fitas magnéticas. Tanto os questionários aplicados aos informantes quanto as respectivas respostas fazem parte dos anexos do presente trabalho.

A selecção dos verbos que fazem parte do corpus de pesquisa foi feita com base na lista do vocabulário básico revisto (NELIMO, 2002) tendo em conta a estrutura silábica dos radicais envolvidos. Assim, foram considerados verbos com raízes do tipo -C-, -CVC-, -CVCVC- e com estruturas mais longas.

### **2.2.2 Análise de dados**

A análise de dados é apresentada num capítulo específico, no qual se descreve o tipo de dados, as constatações factuais e a respectiva explicação tendo em conta as hipóteses e as revelações sustentadas pelos factos descritos.

Nesta secção, é nosso interesse indicar que os dados que constituem o corpus do presente estudo foram analisados à luz de modelos teóricos discutidos usando o método da introspecção, uma vez

que a autora é falante da língua em estudo. O método da introspecção consiste em recorrer ao conhecimento do próprio investigador permitindo-lhe fazer uma análise interna e aprofundada dos dados apresentados. Este método revestiu-se de total importância, na medida em que permitiu à pesquisadora analisar criticamente os processos decorrentes da conjugação de verbos em diferentes tempos e formas e, daí, fazer generalizações sobre a gramática da língua.

Para além de permitir a recolha de dados, como já foi mencionado, o método filológico foi também usado na fase da análise de dados, o que permitiu verificar algumas similaridades e diferenças na abordagem que diferentes autores fazem sobre o tempo verbal, bem como consolidar alguns aspectos comuns corroborados com evidências linguísticas encontradas em *Copi*.

Como é demonstrado no capítulo reservado à análise e interpretação dos dados, a conjugação dos métodos acima descritos permitiu fazer uma análise mais substancial dos factos encontrados na língua e, desse modo, aprofundar a compreensão dos aspectos relevantes encontrados em *Copi*.

## CAPÍTULO III

### 3. REVISÃO DA LITERATURA

#### 3.1. Introdução

O presente capítulo apresenta a revisão bibliográfica, tendo como objectivos: (1) trazer, de forma geral, estudos anteriores relativos à morfologia verbal e, de forma particular, relativos à marca de tempo quer em *Copi* (no tempo passado) quer noutras línguas bantu. Estes estudos visam verificar as possíveis similaridades ou discrepâncias entre o *Copi* (presente e futuro) e outras línguas bantu, relativamente à maneira como o presente e o futuro são marcados; (2) verificar se a realização do morfema de negação altera, ou não, a posição do marcador de tempo na estrutura do verbo.

Tendo em conta a sua natureza, que é a análise da estrutura morfológica do verbo, o estudo da morfologia revela-se de extrema importância neste trabalho, uma vez que esta é a base da análise da estrutura das palavras. Por isso, um dos conceitos a ser abordado neste capítulo é mesmo morfologia.

Tal como qualquer palavra de qualquer categoria gramatical, o verbo contém, na sua estrutura interna, constituintes morfológicos e só a morfologia é que nos pode dizer que constituinte é e que posição ocupa, ou deve ocupar, na estrutura do verbo.

Para além da morfologia, o capítulo debruça-se sobre a fonologia, aqui abordada para dar conta das alterações decorrentes do encontro entre vários sons (vogais e consoantes) quando se faz a afixação dos vários morfemas que constituem a estrutura da forma verbal.

Portanto, neste capítulo apresentam-se, ainda, alguns estudos anteriores relativos à morfologia e fonologia dos verbos em línguas bantu moçambicanas, de uma forma geral, e da língua *Copi*, em particular, incluindo os conceitos operatórios usados nos estudos sobre aquelas matérias ou

matérias afins. Dos vários conceitos que aqui se abordam destacam-se os de tempo, verbo, morfema e tom.

### **3.2. Estudos anteriores relativos à morfologia e fonologia verbal das línguas bantu em Moçambique**

Como se disse no capítulo da introdução, a pesquisa sobre as línguas bantu, no geral, e sobre a morfologia e fonologia da língua Copi, em particular, em Moçambique, tem vindo a ganhar uma dinâmica assinalável nos últimos tempos.

Relativamente à morfologia e fonologia das línguas bantu moçambicanas destacam-se os estudos de Katupha (1991 sobre as extensões verbais em Makhuwa, Matsinhe (1994) sobre o estatuto dos afixos verbais em Tsonga, Ngunga (1999) sobre as restrições na combinação e ordem dos sufixos verbais em Ciyao; Ngunga (2000) sobre a morfologia e fonologia do verbo em Ciyao, Liphola (2001) sobre a fonologia e morfologia do Shimakonde, Langa (2002) sobre as classes locativas em Changana, Bernardo (2009) sobre a morfologia e fonologia do passado em Emakhuwa e, mais recentemente, destacam-se os trabalhos de Langa (2012) sobre a morfologia e fonologia do verbo Ngunga e Simbine (2012) com a descrição da língua changana.

São escassos os trabalhos sobre a língua Copi, sendo de destacar, o trabalho mais antigo, a Gramática da língua Txope (Santos, 1941) que apresenta aspectos relativos à morfologia da língua Copi. Para além do trabalho referido, pode-se destacar o de Nhantumbo (2009) que procurou debruçar-se sobre a morfofonologia do verbo, olhando para o tempo passado.



### **3.3. Conceitos operatórios**

#### **3.3.1. Fonologia**

Antes de analisarmos os processos fonológicos, vejamos algumas bases teóricas sobre o conceito fonologia.

Katamba (1989:60) define fonologia como “o ramo da linguística que estuda os meios pelos quais os sons da fala são usados sistematicamente para formar palavras ou enunciados” e acrescenta que para se entender a fonologia é importante que se tenha uma noção dos conceitos básicos da fonética que se define como “o estudo dos sons da fala, sua percepção e propriedades acústicas”.

Para entender a fonologia é necessário que se tenha conhecimento sobre fonética, definida como “estudo do inventário de todos os sons da fala que os humanos são capazes de produzir” (Katamba 1989:1). É preciso que se entenda a fonética pois, os dois domínios estão interligados, na medida em que ambos procuram estudar os sons, embora de forma diferente.

Por sua vez, Hyman (1975) define fonologia como “o estudo dos sistemas de som da língua, isto é, o estudo de como os sons da fala se estruturam e funcionam nas línguas”.

Como podemos notar, as definições dos dois autores são convergentes, o que nos leva a constatar que a fonologia se preocupa com o papel dos sons na comunicação entre os falantes de uma mesma língua olhando para as diferentes formas de realização de um mesmo fonema pelos diferentes usuários da língua e procurando explicar os fenómenos ligados à ocorrência de cada fonema, ajudando na descodificação de mensagens.

A fonologia, contrariamente à fonética, não se preocupa com os sons como fenómenos físicos apenas, preocupa-se, também, com a sua estrutura, as regras que regem a sua combinação no sistema e a sua função na comunicação (Ngunga 2004).

Bruce (2009:1) define a fonologia como uma ciência experimental que procura “entender o sistema de regras que os falantes usam na apreensão e manipulação de sons da sua língua” e considera que essas regras podem resultar: (i) da variação de sons; (ii) da sequência e distribuição e (iii) da interface com outros elementos da gramática, particularmente com a morfologia e a sintaxe.

As razões apontadas por Bruce (op. cit.) para a aplicação de regras fonológicas parecem constituir verdade, pois é o que se constata nas línguas bantu, em geral, e em *copi*, em particular. Tal é o caso do Changana que encontra como uma das razões para a aplicação das regras fonológicas a interação entre a fonologia e a sintaxe e a morfologia. A título de exemplo, serve o trabalho de Langa (2013).

Para o nosso estudo, a terceira razão, isto é, a interface entre a fonologia e a morfologia será testada parcialmente. A isso, interação fonologia- morfologia, retornaremos mais tarde, numa subsecção reservada para tal.

Quase todos os autores acima apresentam regras fonológicas que surgem para resolver o encontro entre os sons da fala de determinada língua. Tais sons compreendem dois grupos de segmentos: vogais e consoantes.

Segundo Ngunga (2006), as vogais são definidas como “sons em cuja produção a corrente do ar não sobre nenhuma obstrução em todo o seu percurso”.

O encontro entre essas vogais é, algumas vezes, inaceitável em algumas línguas e, quando tal acontece, a língua recorre à fonologia para se desembaraçar de tais sequências indesejáveis, mais conhecidas por hiatos.

As consoantes, outro grupo de segmentos, são definidas como “sons em cuja produção a passagem do ar encontra obstáculo em algum ponto na cavidade bucal” (Ngunga 2006). As

consoantes podem combinar-se, sobretudo as nasais com as orais, resultando daí fenómenos que variam de língua para língua.

O encontro entre os diferentes tipos de sons resulta na aplicação de regras fonológicas. Muitas línguas procuram resolver o encontro entre os sons através de mecanismos como: elisão, semivocalização, fusão, inserção, assimilação, dissimilação, entre outros.

São estas e outras preocupações da fonologia que nos vão permitir analisar, de uma forma minuciosa, a variação dos morfemas dos tempos verbais na língua *Copi*.

### **3.3.2. Morfologia**

Aronoff e Fudeman (2005:1) iniciam a sua abordagem sobre a morfologia citando uma frase de Merriam-Webster “*mor.phol.o.gy: a study of the structure or form of something*”. Esta citação dá um arranque na compreensão do que se vai estudar naquela que é uma das componentes da gramática de uma língua. Mas, a partir da frase de Merriam surge-nos a questão: e em Linguística, o que é morfologia e qual o seu objecto de estudo?

É em torno dessa questão que nos propomos discutir nas próximas linhas do nosso trabalho. Anderson (1994) afirma que, durante muito tempo, a teoria estruturalista sincrónica negava a existência de algo interessante no estudo da estrutura da palavra, centrando o seu interesse apenas à pesquisa fonológica. Isto porque se considerava que algumas línguas, como é o caso do Vietnamês, que não apresenta palavras complexas, não tinham morfologia (Aronoff 2005), considerando-se, então, os fenómenos morfológicos como parte da sintaxe e fonologia.

Mas vários autores (Aronoff, Anderson, Katamba e Stonham e outros) discordam dessa ideia.

Um dos contra-argumentos que Aronoff (2005) apresenta é o facto de, em algumas línguas, as palavras estarem organizadas em classes que determinam a sua forma em diferentes contextos.

Mas, mais tarde, as questões morfológicas começaram a ganhar mais campo em trabalhos de estruturalistas como Bloomfield (1933), Harris (1942, 1946, 1951), Hockett (1952, 1954, 1958), Nida e outros.

Esta ideia de marginalização da morfologia no seu estágio inicial é também apontada por Katamba e Stonham (2006) ao afirmarem que a morfologia era vista pelos estruturalistas como um ramo separado da linguística.

Anderson (1994:7) define morfologia como “estudo da estrutura das palavras e a forma como as suas estruturas reflectem a relação com outras palavras”, relação essa que se vai estabelecer dentro de uma mesma construção frásica.

Por sua vez, Ngunga (2004:99) diz que a morfologia é “o estudo dos morfemas, das regras que regem a sua combinação na formação da palavra, e da sua função no sintagma e na frase”. Portanto, o objecto de análise morfológica, segundo Ngunga (2004) é o morfema, definido como “a menor unidade da língua portadora de sentido (lexical ou gramatical), na hierarquia da palavra” (Ngunga 2004:99).

Katamba e Stonham (2006: 3) definem a morfologia como “estudo da estrutura interna da palavra”, considerando, ainda, que os morfemas são a unidade mínima de análise morfológica, na palavra.

Pode-se depreender, das definições acima, que todos os autores corroboram a ideia de que a morfologia procura estudar a estrutura da palavra, sendo esta o objecto de análise, e como seu objecto de análise mínima o morfema.

Então a pergunta que se colocou no início a propósito da frase de Merriam pode já ser respondida. A morfologia, em linguística, é o estudo da estrutura interna da palavra.

Gleason (1961: 85) define o morfema como “grupo de um ou mais alomorfes que obedecem a certos critérios de distribuição e significado”.

Os morfemas podem ser livres ou presos. Os morfemas presos são aqueles que não podem ocorrer senão na condição de estarem ligados a outro(s) (Ngunga 2004) e os livres são aqueles aos quais são afixados os chamados presos (Ngunga 2004).

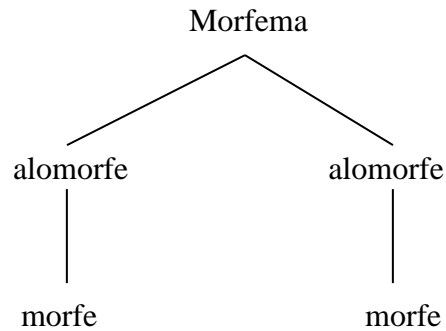
Katamba e Stonham (2006) partilham da definição apresentada por Ngunga (2000) e acrescentam que os morfemas livres são capazes de ocorrer isolados.

Os morfemas livres são também designados lexicais pois carregam consigo o conteúdo semântico. Mas nem todos os morfemas lexicais são livres, como mostram os exemplos retirados de Ngunga 2004: *mu-thu* ‘pessoa’ (Makhuwa) e *ndichadya* ‘comerei’ (Shona), onde a informação lexical de “pessoa” e “comer” está contida nos morfema *-thu* e *-dy-*, respectivamente, sendo *mu-*, *-cha-* e *-a* informação gramatical de pessoa, número, tempo, aspecto, etc.

Como exemplo de morfemas livres, Katamba e Stonham (2006) apresentam, do Inglês, o caso das palavras funcionais (artigos, demonstrativos, pronomes, conjunções e outras) e raízes que constituem palavra (*man*, *book*, *tea*).

Os morfemas podem apresentar-se como raiz, afixos, base e radical. Sobre isto falaremos no ponto seguinte.

A realização física do morfema é o morfe e as variações do mesmo serão os alomorfes (Katamba e Stonham 2006). Essa relação pode ser representada pelo seguinte esquema:



Esquema 1: Representação da realização do morfema

Katamba e Stonham (2006) acrescentam, ainda, que os morfemas podem ser assinalados por tom. Este é marcado para distinguir itens lexicais e/ou marcar diferenças gramaticais.

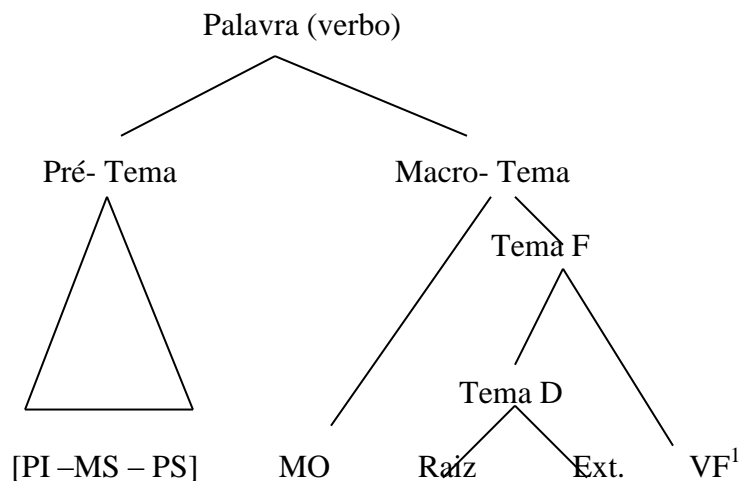
Para compreender a estrutura da palavra, a morfologia divide-se em duas partes, segundo Bauer (1989): morfologia flexional e morfologia lexical (derivacional para a gramática tradicional, Spencer, 1993). A morfologia flexional vai-se ocupar das várias formas do lexema enquanto a morfologia lexical vai-se ocupar da formação de novos lexemas a partir de bases já existentes. Por sua vez, a morfologia lexical subdivide-se em derivação (formação de novos lexemas a partir da afixação) e composição (formação de novos lexemas a partir de dois ou mais radicais).

A derivação flexional é vista por vários autores (Comrie 1981, Bauer 1989, Spencer 1993 e outros) como sendo menos produtiva em relação à derivacional: na flexão não há formação de novas palavras, a categoria lexical não altera, enquanto na derivação há formação de novas palavras e a categoria da palavra ou radical base pode mudar.

Para o nosso estudo centrar-nos-emos na morfologia flexional, na medida em que nos propomos analisar a flexão do verbo nos tempos presente e futuro.

### 3.3.2.1. A estrutura do verbo nas línguas bantu

De acordo com Ngunga (2000) o verbo nas línguas bantu apresenta a seguinte estrutura:

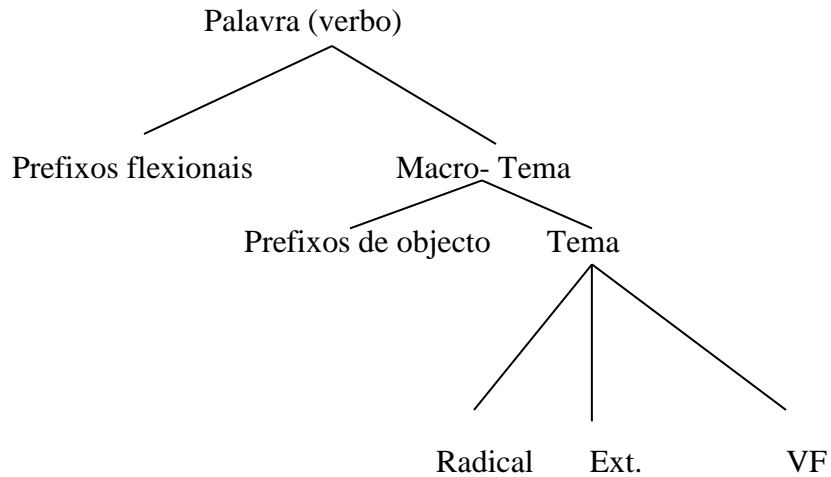


#### Esquema 2: Estrutura do verbo nas línguas bantu

O esquema acima apresentado pressupõe uma divisão binária do verbo: pré-tema e macro-tema. Estas duas entradas apresentam, por sua vez, as suas subdivisões.

Na mesma senda, Liphola (2001), propõe uma estrutura do verbo, considerando duas entradas também: a dos prefixos flexionais e a do macro-tema. Onde a entrada do macro-tema comporta o prefixo de objecto e o tema. O tema, por sua vez, comporta o radical, as extensões e a vogal final.

<sup>1</sup> Onde: Tema-F representa o tema flexionado; Tema D, o tema derivado; PI- Pré-inicial; PS- Pós-sujeito. O PI e PS incluem as marcas de tempo, aspecto, modo e negação. MS significa marca de sujeito; MO- marca de objecto; Ext.- extensão; VF- vogal final



**Esquema 3:** *Estrutura do verbo (Liphola 2001)*

Embora semelhantes, relativamente ao número de entradas, os esquemas apresentados por Ngunga (2000) e Liphola (2001), diferem pelo facto de um se apresentar de forma mais simplificada (o esquema apresentado por Liphola 2001).

Outros autores propõem uma estrutura diferente. Tais são os casos de Meussen (1967), Mutaka e Tamanji (2000).

| Pré-inicial                                | Inicial        | Pós-inicial         | Formativo      | Limitativo              | Infixivo            | Radical     | Pré final                        | Final                       | Pós-final            |
|--|----------------|---------------------|----------------|-------------------------|---------------------|-------------|----------------------------------|-----------------------------|----------------------|
| Relativo indirecto/forma negativa absoluta | Prefixo verbal | Marcador de Negação | Marca de Tempo | Modo/Aspecto perfectivo | Marcador de Objecto | Raiz verbal | Marca de aspecto/extensão verbal | Marca de tempo/verbal final | Plural do imperativo |

Tabela 2: *Estrutura do verbo (Meussen 1967)*



|  |                           |                            |                      |                        |                             |                    |                        |                             |                           |                       |
|--|---------------------------|----------------------------|----------------------|------------------------|-----------------------------|--------------------|------------------------|-----------------------------|---------------------------|-----------------------|
| Pré-inicial                              | Inicia<br>l               | Pós-<br>inicial            | Formti<br>vo         | Pós-<br>formati<br>vo  | Infix<br>o                  | radic<br>al        | Sufixo                 | Pré<br>final                | Final                     | Pós<br>-<br>fin<br>al |
| Marca de<br>negação/pref<br>ixo relativo | Prefi<br>xo<br>verba<br>l | Marca<br>de<br>negaç<br>ão | Marca<br>de<br>tempo | Marca<br>de<br>aspecto | Marc<br>a de<br>objec<br>to | Raiz<br>verba<br>l | Extens<br>ão<br>verbal | Marc<br>a de<br>aspec<br>to | Marc<br>a de<br>temp<br>o |                       |

Tabela 3: *Estrutura do verbo* (Mutaka e Tamanji 2000)

Nurse (2003), por sua vez, apresenta uma estrutura simplificada por Bastin (data), baseada na estrutura de Meussen (1976)

|                |                |                |                            |                |             |                  |              |               |
|----------------|----------------|----------------|----------------------------|----------------|-------------|------------------|--------------|---------------|
| <b>Inicial</b> | <b>Sujeito</b> | <b>Negação</b> | <b>Tempo<br/>(Aspecto)</b> | <b>Objecto</b> | <b>Raiz</b> | <b>Extensões</b> | <b>Final</b> | <b>Sufixo</b> |
|----------------|----------------|----------------|----------------------------|----------------|-------------|------------------|--------------|---------------|

**Tabela 4:** Estrutura do verbo (Nurse 2003)

Onde: a posição inicial é marcada por afixos de negação e da relativa; a posição final pode ser marcada pelo aspecto, modo, tempo e negação; a posição do sufixo inclui a marca do plural imperativo.

Podemos depreender das estruturas apresentadas por Meussen (1967) e Mutaka e Tamanji (2000) e Nurse (2003) que as marcas de tempo e aspecto podem ocupar as posições pré e pós - radical. Enquanto Ngunga (2004) e Liphola (2001) não prevêem as duas, mas sim a posição pré-verbal. Para a nossa análise tomaremos em conta a estrutura apresentada por Ngunga (2000).

De um modo geral, podemos dizer que o verbo é constituído, basicamente, pelos seguintes elementos:

- i. **Raiz**, definida por Bauer (2003) como sendo um morfe desprovido de qualquer afixo, e

que não se analisa em constituintes. Definição esta que vai ao encontro da de de Katamba e Stonham (2006), pois estes consideram a raiz como núcleo da palavra, irreduzível, desprovido de qualquer acréscimo”.

- ii. **Radical** “é uma base à qual os afixos podem ser adicionados” (Bauer 1988: 253).

Ngunga (2004:103) considera radical “a parte invariável da palavra”. Ou ainda, “o núcleo desprovido de afixos flexionais” (Ngunga op.cit:152).

Os radicais podem ser simples ou extensos. Serão simples os radicais desprovidos de quaisquer morfemas derivacionais, também chamados radicais não extensos (Miti 2006).

Os radicais extensos, derivados (Ngunga 2004) são “novos radicais formados com a adição de um sufixo derivacional” (Ngunga 2004:153).

Na definição de radical derivado constatamos que o autor considera a adição de um sufixo derivacional.

O que significa dizer que o radical extenso, comporta um ou mais morfemas derivacionais chamados extensões, e é constituído pela raiz mais os afixos derivacionais.

iii. O **Tema**, é definido por Ngunga (2004: 151) como “parte do verbo que inclui, para além

do radical, os sufixos flexionais”. Isto mostra-nos que o tema, para além de afixos flexionais, inclui os afixos derivacionais.

iv. Os **afixos**, são definidos por Katamba e Stonham (2006) como morfemas que “ocorrem

quando agregados a outros morfemas como à raiz, ao radical ou à base”. Os afixos podem ser: prefixos (quando ocorrem à esquerda da raiz), sufixos (quando ocorrem à direita da raiz) e infixos (quando ocorrem no interior da raiz). A estes Ngunga (2004:103) acrescenta os suprafixos que “são morfemas suprasegmentais que se acrescentam ao radical ou ao tema, como é o caso do tom”. Esta última classificação trazida por Ngunga (2004) mostra-se de especial interesse para o nosso trabalho pois, constatámos que, de alguma forma, eles marcam a gramática da língua *copi*.

### **3.4. Interação Morfologia e outros elementos da gramática**

Uma das preocupações da morfologia são as regras de formação de palavras. Se falamos em regras de formação significa que os morfemas não podem ser dispostos aleatoriamente numa língua. É nessa esteira que Bruce (2009) aponta razões para aplicação de regras fonológicas.

Uma das razões apontadas por Bruce (2009) como condicionante para a aplicação de regras fonológicas numa língua é a interacção entre a fonologia e outros elementos da gramática. Um desses elementos é a morfologia.

Katamba e Stonham (2006) afirmam que a ocorrência de morfemas na formação de palavras é definida por condições fonológicas, na medida em que a selecção de um determinado morfema na formação ou flexão de uma palavra pode ser influenciada por sons vizinhos. A regra de distribuição complementar é um dos exemplos claros dessa interacção.

Um outro exemplo é o da marca do passado em *Copi*, o sufixo **-il-e**. Este morfema tem duas realizações: **-il-e** e **-it-e**. A ocorrência de cada uma das realizações é definida pelo tipo de radical e pela consoante final do radical. O morfema realiza-se **-it-e** com radicais do tipo –C- e com radicais terminados em **-l-** e **-t-**, e realiza-se **-il-e** nos demais contextos. Estamos a dizer que os alomorfes estão em distribuição complementar.

Portanto, isto significa dizer que não podemos descrever o padrão fonológico dos morfemas que marcam o tempo em *Copi* sem olhar, quer para o último som da base, quer para a estrutura da mesma.

Outra relação que se pode estabelecer entre a fonologia e a morfologia está ligada ao modelo teórico por nós escolhido para a análise dos dados, o modelo da morfologia e fonologia lexical.

Segundo Katamba e Sonham (2006), os proponentes dessa teoria afirmam que existe uma relação entre as regras que definem a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas responsáveis pela maneira como uma palavra é pronunciada. Todas essas regras serão encontradas no léxico e organizadas, hierarquicamente, em níveis.

|                    |         |                |             |
|--------------------|---------|----------------|-------------|
| Exemplo do Inglês: | Sufixo  |                | output      |
|                    | a. –ion | [[erode] –ion] | → [erosion] |

- b. -ive            [[compete (t)] -ive]    →    [competitive]
- c. -al            [[pope] -al]                    →    [papal]

Observe-se que, quando os afixos são acrescentados às bases, provocam uma alteração de ordem fonológica. Em a) há um alteração da consoante [d] para [ʒ]; em b) o sufixo -ive requer a introdução de uma extensão -it, causando ainda uma mudança na vogal da raiz; e em c) a qualidade das vogais também muda.

Em suma, as regras fonológicas- regras lexicais, estão intimamente ligadas às regras morfológicas aplicadas na estrutura da palavra. Normalmente, quando se aplica uma regra morfológica, as regras fonológicas são, automaticamente, activadas- nível lexical.

Para além de estabelecer uma interacção com a fonologia, a morfologia interage com a sintaxe, na medida em que formas de palavras são afectadas pela construção sintáctica onde a palavra a palavra está inserida.

A nível pós-lexical, as regras não estão ligadas às regras de formação de palavras (Katamba e Stonham 2006). As regras são aplicadas quando palavras já formadas são colocadas em sintagmas. O Changana é um dos exemplos de interacção morfologia - sintaxe (Langa 2013).

Um outro estudo que revela a interacção morfologia e sintaxe é o de Comrie (1981) sobre a tipologia linguística nas línguas universais.

Para o caso da língua *Copi*, a nossa análise não tomará como foco o modelo pós-lexical, embora não deixe de lado a hipótese de aplicá-lo, se necessário, para a compreensão de algum fenómeno.

### 3.5. O tempo verbal

Segundo Comrie (1976, 1985) a noção de tempo como uma categoria gramatical deve ser relacionada ao tempo como situação, o que implica relacionar o tempo ao momento de enunciação.

Segundo Richards et al. (1985), citados por Mutaka & Tamanji (2000), o tempo verbal pode ser definido como sendo “a relação entre a forma do verbo e o momento da acção descrita”.

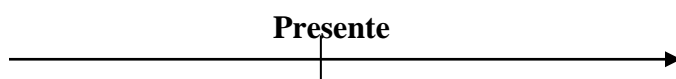
Como podemos ver, quer numa definição quer noutra, há uma relação que se estabelece entre a acção e o momento em que essa mesma acção tem lugar. O que significa que o tempo, de uma forma implícita, está ligado ao verbo, definido por Cunha e Cintra (1989) como “um acontecimento representado no tempo”.

Nas línguas bantu, a forma verbal traz consigo as marcas do sujeito sobre o qual se faz a afirmação, o tempo em que o fenómeno tem lugar, o número dos sujeitos sobre os quais se faz a afirmação ou envolvidos na acção, etc.. São estes e outros factores que fazem com que o verbo se defina como sendo a mais variável de entre as palavras variáveis nas línguas bantu (Ngunga 2004).

Ao apresentar a marca do tempo na sua estrutura, o verbo torna-se uma das formas de expressão do tempo (passado, presente e futuro).

De um modo geral, podemos notar que o verbo e o tempo aparecem sempre interligados implícita ou explicitamente, por isso falamos de tempo verbal.

Comrie (2000) considera que o tempo pode ser representado como uma linha recta, em que o passado é representado convencionalmente à esquerda e o futuro à direita, tomando como foco central o presente, como ilustra o esquema abaixo:



**Passado**

**Futuro**

**Esquema 4:** *Representação do tempo*

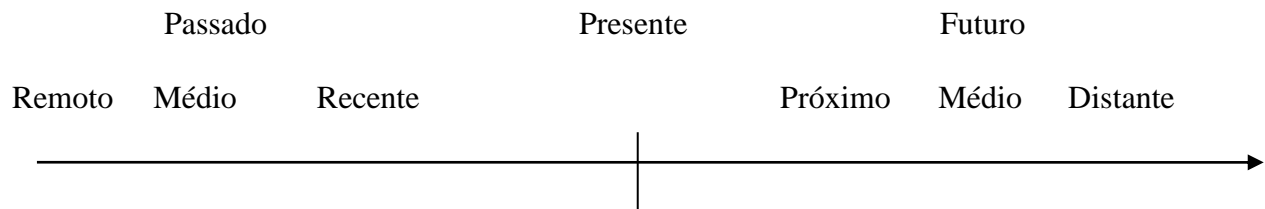
Considerando o presente como o centro, Comrie (2000) toma o tempo presente como sendo a coincidência do tempo da situação descrita com o momento actual do tempo real; o tempo passado significa colocação da situação anterior ao momento actual e o futuro significa colocação da situação depois do momento actual.

Para Comrie (1976) o tempo pode ser descrito como uma categoria deíctica, na medida em que a mesma procura localizar a situação descrita em relação ao momento de elocução.

Na mesma esteira de análise, Mateus et al (1989) referem que a categoria linguística de tempo exprime a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação, relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma. Tal como Comrie (2000), Mateus et al (op.cit) consideram a existência de três tempos naturais: passado presente e futuro.

Ngunga (2004), embora corrobore a existência de três tempos, considera que os mesmos, para algumas línguas não podem ser entendidos como unidades integrais. Pois, há línguas que encaram os tempos verbais como “pontos de referência que servem para distinguir a sequência ou factos em relação a outros que tenham tido lugar antes, ou hão-de ter lugar depois, havendo espaço para, no interior de cada tempo, os factos poderem suceder-se uns aos outros.” Esta afirmação conduz-nos à noção de aspecto (que abordamos no ponto a seguir) que se difere do tempo, segundo Hornstein (1993) pelo facto do tempo localizar o evento, apresentado numa determinada frase, na situação temporal. Enquanto aspecto é o “contorno temporal” do evento.

Como evidência da sua afirmação, Ngunga (2004) mostra-nos a representação temporal do Nyanja:



Esquema 5: Representação do tempo em Cinyanja (Ngunga 2004)

Diferente do Nyanja, o Copi não faz a divisão tripartida como observaremos no capítulo da análise de dados.

O verbo em *Copi*, tal como na maioria das línguas bantu, é formado por um prefixo verbal infinito **ku-** e por um radical seguido de uma vogal final (geralmente **-a**).

A conjugação dos verbos varia segundo a função lógica (afirmação ou negação) e segundo a sua função sintáctica, procurando exprimir, não tanto o tempo (presente, passado ou futuro) em que a acção expressa pelo verbo se realiza, mas antes o modo como ela se realizou, realiza, realizará ou não.

### 3.5.Aspecto

O aspecto é visto como uma perspectivização temporal do interior de uma dada eventualidade, concentrando-se, unicamente, no intervalo de tempo em questão (Comrie 1979).

Nurse (2003), por sua vez, define aspecto como “diferentes representações do tempo dentro de um evento.

Isto significa que, para Comrie (op. Cit.) e Nurse (op.cit.), o aspecto não procura tanto a relação entre o tempo e a situação, mas sim com os constituintes internos de uma situação.



Segundo Comrie (1976), como uma categoria gramatical, o aspecto classifica-se em perfectivo e imperfectivo. O aspecto perfectivo refere-se a situações completas, enquanto o aspecto imperfectivo refere-se a situações em progresso (tanto para o passado quanto para o presente).

Comrie (1976) considera que o aspecto pode ser marcado morfológica ou lexicalmente. Quando se marca lexicalmente, o aspecto pode ser expresso através de verbos auxiliares (incoativos, dinâmicos, estativos, entre outros).

Nurse (2003:92) afirma que, “a codificação do tempo e do aspecto nas línguas bantu envolve a combinação de três componentes principais: a flexão verbal, o tom e o uso de verbos adicionais ao, e precedendo o verbo principal.” Acrescenta, ainda, que o melhor método para a identificação do aspecto, numa situação em que se tem um verbo auxiliar e outro principal, consiste na análise morfológica do segundo verbo principal, pois é nesse verbo que se marca o aspecto.

Nurse (2003) e Comrie (1976) corroboram a ideia de que o aspecto pode ser lexical.

Na nossa pesquisa, cingir-nos-emos ao método de identificação do aspecto na conjugação simples (Nurse 2003), isto é, a marcação morfológica proposta por Comrie (1976), para evitar uma dispersão na análise dos dados e no alcance dos nossos objectivos.

### **3.6.O Tom**

Um outro conceito não menos importante para o trabalho é o de tom, pois os elementos supra-segmentais constituem, também, formas de marcação do tempo em algumas línguas bantu tais como Shimakonde, Xichangana, Citshwa (faladas em Moçambique), Kisukuma (falada na Tanzania).

É de realçar que o nosso trabalho não visa descrever com minuciosidade o padrão tonal da língua, por isso procuramos mostrar apenas o conceito básico, tipos e a função do tom para que possamos classificar os tons que encontramos nos nossos dados.

O tom é definido como o nível relativo de voz na emissão de sílaba ou de palavra (Weiss 1988, Katamba 1989), podendo ser alto, médio ou baixo. O tom alto é marcado pelo acento agudo ( ´ ), o tom baixo pelo acento grave ( ` ) e o tom médio é representado pelo seguinte diacrítico ( ¨ ). A estes Katamba (1989) acrescenta os tons ascendente e descendente, sendo o ascendente marcado por ( ˇ ) e o descendente é marcado por ( ^ ).

Katamba (1989), Spencer (1998), Ngunga (2004), Carter (2002), Katamba e Stonham (2006) convergem ao afirmarem que o tom pode ser marcado para distinguir itens lexicais ou marcar diferenças gramaticais.

Temos o exemplo de *Luganda* (língua falada no Uganda) retirado de Katamba e Stonham (2006), em que o tom marca, tanto a distinção lexical, quanto a gramatical.

- a) n`jálá ‘fome’                      n`jálà ‘unhas’  
b) àssîká ‘ela frita’                      àssíká ‘aquela que frita’

No exemplo em a) o tom marca diferença lexical e em b) o tom surge como o elemento que marca a distinção gramatical.

Portanto, o tom será lexical quando distingue palavras a nível semântico e gramatical quando tem relevância na frase, mostrando a informação gramatical (tempo, modo, aspecto, pessoa, etc).

Spencer (1998) afirma que muitas línguas usam o tom para marcar categorias gramaticais.

Katamba (1989) apresenta-se mais cauteloso ao afirmar que algumas línguas usam o tom para marcar itens lexicais e outras para marcar distinções gramaticais.

Langa (2013), mostra que em Changana o tom pode marcar, tanto as categorias gramaticais, quanto os itens lexicais e que o tom baixo é menos frequente, corroborando o que Ngunga (2004) dizia sobre a mesma língua, que o tom alto é o mais frequente, sendo por isso marcado o tom baixo.

Carter (2002) afirma que o Tonga (língua falada no Zimbabwe) é uma língua tonal, embora o mesmo não seja marcado nos textos escritos.

No presente trabalho, procuramos observar apenas o tom como unidade gramatical, pois o mesmo cinge-se ao estudo da estrutura de uma unidade gramatical, o verbo, olhando para a sua flexão nos tempos presente e futuro. O que vamos observar é o tipo de tom que tem relevância na frase.

## **CAPÍTULO IV**

### **A morfofonologia das marcas do presente e do futuro em *Cicopi***

#### **4.1. Introdução**

No presente capítulo discute-se as marcas do presente e do futuro na língua *copi*, procurando-se olhar para os respectivos morfemas e os processos fonológicos envolvidos na sua afixação dentro da estrutura verbal.

Como metodologia de análise, apresentamos, primeiro, o tempo passado; a seguir, apresentamos o tempo presente e depois o tempo futuro, através das suas marcas na estrutura da forma verbal. Na nossa análise elegemos como quadro teórico a morfologia e fonologia lexical (Kiparsky 1982, 1985), uma teoria que assenta na ideia de que, mais do que o morfema, a palavra é uma unidade básica de análise morfológica. E as regras que definem a estruturação de uma palavra, regras morfológicas, estão intrinsecamente relacionadas com as regras responsáveis pela maneira

como a palavra é pronunciada, regras fonológicas. Todas essas regras são encontradas no léxico e organizadas, hierarquicamente, em níveis (Katamba e Stonham 2003).

Antes de analisarmos as marcas dos tempos, presente e futuro, vejamos, de uma forma breve, como funciona o tempo passado em *Copi*.

#### 4.2. Tempo Passado

Comrie (1985) apresentou uma divisão tripartida na representação do tempo, considerando o passado, o presente e o futuro. Esta divisão aplica-se ao *Copi* com alguma adaptação para acomodar as subdivisões que se reconhece existirem em cada unidade temporal de muitas línguas bantu (Ngunga 2004).

Assumimos neste trabalho que o *Copi*, diferente do Yao e, possivelmente, de outras línguas bantu, não apresenta subdivisões dos tempos passado, presente e futuro visto que há apenas dois morfemas de passado, a saber, **-il-e**, com variação **-it-e**, e **-ti-**. O primeiro morfema codifica, apenas, que o evento ocorreu no passado, mas não se sabe em qual passado, e codifica a noção aspectual de perfectivo, já que o evento é visto como acabado, conforme os exemplos abaixo:

- 1a)    ani   ni-dy-**ite**                    m'pawu.  
      eu   MS-comer-MT/A        3-mandioca  
      'eu comi mandioca'
- b)    ani   ni-bhik-**ile**                   m'pawu.  
      eu   MS-cozinhar-MT/A    3-mandioca  
      'eu cozinhei mandioca'

No exemplo (1a), o verbo expressa o passado e o aspecto perfectivo, marcados pelos morfemas **-il-e** e **-it-e**. Em (1b), o morfema que marca o passado é **-il-e**. Não se trata de diferentes morfemas, mas sim de alomorfes de um mesmo morfema.

O morfema **-ti-**, que também codifica o passado e o aspecto imperfectivo, conforme os exemplos abaixo:

2a) ani ni- **ti-** bhik-**a** m'pawu.  
eu MS-MT/A-cozinhar-VF 3-mandioca  
'eu cozinhava mandioca'

b) ani ni-**ti-**dy-**a** m'pawu.  
eu MS-MT/A-comer-VF 3-mandioca  
'eu comia mandioca'

Nos exemplos em (2) o verbo está flexionado no passado imperfectivo, onde se pode notar o morfema **-ti-** como marca de tempo e aspecto. Este morfema, embora represente o passado, tal como os morfemas **-il-e/-it-e**, difere destes pelo facto de codificar uma acção não acabada, representando, assim, o aspecto imperfectivo.

Nos exemplos acima, para se indicar se a acção ocorreu num passado recente, médio ou remoto, o dispositivo gramatical que a língua utiliza para indicar as várias subdivisões do passado dá-se por meio de advérbios que ocorrem na frase para indicar os vários tipos de passado. Em tais contextos os morfemas **-ile** e **-ti-** não variam, conforme os exemplos abaixo:

- 3a)    ani    ni-dy-**ite**                    m'pawu    nyhanova  
       eu    MS-comer-MT/MA    3-mandioca    ontem  
       'Eu comi mandioca ontem'
- b)    ani    ni-bhik-**ile**                    m'pawu    nyhansi  
       eu    MS-cozinhar-MT    3-mandioca    hoje  
       'eu cozinhei mandioca hoje'
- c)    ani    ni-dy-**ite**                    m'pawu    konku.  
       eu    MS-comer-MT/MA    3-mandioca    agora  
       'Eu comi mandioca agora'
- 4a)    ani    ni – **ti-** bhik-**a**                    m'pawu    nyhansi  
       eu    MS-MT/MA-cozinhar-VF    3-mandioca    hoje  
       'eu cozinjava mandioca hoje'
- b)    ani    ni-**ti-**dy-**a**                    m'pawu    kale  
       eu    MS-MT/MA-comer-VF    3-mandioca    há muito tempo  
       'eu comia mandioca há muito tempo'

Os exemplos em (3) e (4) mostram que, em *Copi*, o tempo passado, não apresenta subdivisão. Em (3), as formas verbais expressam o passado perfectivo, marcados pelos morfemas **-ile/ -ite**. E em (4) as formas verbais expressam o passado imperfectivo, marcado pelo morfema **-ti-**. É a combinação desses morfemas com os advérbios (**nyhansi, konku, nyhanova, kale**) que marcará a distância da acção relativamente a outras acções.

Note-se que, em *Copi*, a marca do passado tem variações alomórficas, podendo o mesmo realizar-se **-ite**, **-ile** ou **-e**. Realizar-se-á **-it-e** com verbos de raiz terminada em **-l** ou **-t**, como ilustram os exemplos a baixo:

5. Mariya a- bha-**te** dipapilo  
Maria MS-escrever-MT 5-carta  
'A Maria escreveu uma carta'
6. mwanana a- duke-**te** dibhuluku  
criança MS-experimentar-MT 5-calça  
'a criança experimentou a calça'
7. mugondisi a- won-**e** mugondi  
1- professor MS-ver-MT 1-aluno  
'O professor viu o aluno'

Os exemplos acima mostram a variação morfé mica da marca do passado em *Copi*. Em (5) e (6) temos verbos de raiz terminada em **-l** e **-t**, respectivamente, sendo o passado marcado pelo morfema **-it-e** pelo processo de imbricação (Ngunga, 1998). Em (7) o passado é formado, por excepção, pelo morfema **-e**.

O passado será marcado pelo morfema **-il-e** nos demais casos.

Os exemplos até aqui descritos mostram o comportamento do verbo na forma afirmativa.

Na forma negativa, a estrutura do verbo apresenta-se de forma diversa, marcando a negação, de acordo com a maneira como é encarada a acção, se acabada ou não acabada.

8a)    ani ni-**ya**-dy-a                    m'pawu  
      eu   MS-MN-comer-VF            3-mandioca  
      'eu não comi mandioca'

b)     ani ni-**ti-si**-dy-i                    m'pawu.  
      eu   MS-MT/A-comer-MN        3-mandioca  
      'eu não comia mandioca'

9a)    ani ni-**ya**-bhik-a                    m'pawu  
      eu   MS-MN-cozinhar-VF        3-mandioca  
      'eu não cozinhei mandioca'

b)     ani ni-**ti-si**-bhik-i                    m'pawu  
      eu   MS-MT/A-MN-cozinhar-MN    3-mandioca  
      'eu não cozinjava mandioca'

Os exemplos em (8) e (9) mostram a realização das acções no tempo passado, mas na forma negativa. Primeiro, é importante sublinhar que a negação na língua copi é marcada por diferentes morfemas. A negação no passado perfectivo é marcada pelo morfema **-ya-** que ocorre adjacente à raiz (à esquerda) como ilustram os exemplos (8a) e (9a). No passado imperfectivo, a negação é marcada por um morfema descontínuo **-si-...-i**, onde o morfema **-si-** ocorre adjacente à raiz (à



esquerda) e o morfema **-i** ocorre na posição final da forma verbal, como ilustram os exemplos (8b) e (9b).

Nesta forma, negativa, o passado perfectivo é marcado pelo morfema zero e o imperfectivo continua marcado pelo morfema **-ti-**.

Depois de passada em revista a morfologia do tempo passado em *Copi*, cabe-nos agora, olhar para os tempos presente e futuro.

### **4.3. Tempo Presente**

A noção de tempo presente tem sido motivo de controvérsia (Bybee et al 1994, Ngunga 2004) uma vez que, dificilmente, se podem encontrar acções que coincidam com o momento exacto da enunciação.

Tendo em conta a representação do tempo proposta por Comrie (1985, 2000) e considerando os três tempos básicos, é importante referir que em *Cicopi*, o presente é, tal como define Comrie (1985), empregue para exprimir o momento actual em que o sujeito realiza a acção, embora possamos exprimir o momento actual sem ser, necessariamente, o da realização da acção. É importante referir, ainda, que o tempo presente não pode ser encarado dissociado do aspecto, pois, na verdade, o presente descreve o aspecto ou a maneira como a acção é encarada no momento de enunciação, tal como refere Bybee (1994). Nesta perspectiva, a acção pode ser factual, quando a acção descrita coincide, ainda que parcialmente, com o momento de enunciação; habitual, quando a acção descrita não coincide com o momento de enunciação.

Segundo Bybee et al (1994) o aspecto habitual pode, também, ser classificado como iterativo, frequentativo, continuativo.

Assim, o presente deve ser encarado como uma categoria aspectual (Ngunga 2004) e não simplesmente como um tempo.

Observemos os dados abaixo do *Copi*:

- |      |                           |                            |
|------|---------------------------|----------------------------|
| 10a) | Ani <b>nodya</b> dipawa   | ‘eu estou a comer pão’     |
| b)   | Ani <b>nikádyi</b> dipawa | ‘eu não estou a comer pão’ |
| c)   | Ani <b>nadya</b> dipawa   | ‘eu como pão’              |
| d)   | Ani <b>nikàdyi</b> dipawa | ‘eu não como pão’          |

Os exemplos em (10) mostram as diferentes realizações das acções em relação ao tempo actual, embora apresentem diferenças. Em (10a), a forma verbal afirmativa indica a realização da acção em tempo actual coincidindo com o tempo de enunciação. Em (10b) temos forma negativa correspondente a (10a). Em (10c), embora a forma verbal indique a realização do tempo actual, ela já não tem que coincidir com o tempo de enunciação, pois neste caso o presente pode ser habitual ou pode indicar que o sujeito falante quer dizer que o consumo de pão não lhe faz mal, portanto, ele é um potencial consumidor de pão.

Portanto em (a) e (b) estamos perante um presente factual e em (c) e (d) presente habitual, o que evidencia a ideia de que o presente se confunde com o aspecto habitual (Ngunga 2004).

Para uma análise minuciosa sobre os morfemas que marcam o tempo presente propomo-nos abordá-lo nas formas afirmativa e negativa como se segue.

#### **4.3.1. Forma afirmativa**

Como foi dito na secção anterior, a análise dos dados será feita de acordo com a polaridade. Nesta subsecção analisamos o verbo *copi* na sua forma afirmativa.

#### 4.3.1.1. Presente factual/pontual

De acordo com Comrie (1985), o presente factual descreve uma acção que coincide com o momento da enunciação. Considere-se os seguintes dados:

- 11a) ani n-**o**-dy-a  
eu MS- MT/A-comer-VF  
'eu estou a comer'
- b) cifanyana c-**o**-pf-a lindando  
7-rapazito MS-MT/A-ouvir-VF 9-canção  
'o rapazito está a ouvir uma canção'
- 12a) mami ni mwanana v-**o**-sek-a  
mãe e criança MS- MT/MA-rir-VF  
'a mamã e a criança estão a rir'
- b) ene **o**-dil-a  
ele MT/MA-chorar-VF  
'ele está a chorar'
- 13a) Tembe **o**-xamul-a dipapilo  
Tembe MS-responder-VF 3carta

‘Tembe está a responder à carta’

b) Vanana v-**o**-sakan-a

1 criança MS-MT/MA-brincar-VF

‘As crianças estão a brincar’

14a) dihorana d-**o**-hefemul-a

5 rapariga MS-MT/MA-respirar-VF

‘a rapariga está a respirar’

Os exemplos acima mostram a realização das acções no presente factual.

Em (11) os verbos apresentados são de raiz do tipo -C-, em (12) do tipo -CVC-, em (13) do tipo -CVCVC- e em (14) de estrutura maior. Dos exemplos acima, pode-se depreender que a marca do tempo/aspecto presente é o morfema -**o**- que ocorre, imediatamente, depois da marca do sujeito e antes da raiz. A afixação desta marca cria um hiato resultante da ocorrência de duas vogais adjacentes. De acordo com a fonologia da língua, este hiato é resolvido através da elisão de uma das vogais, no caso, a vogal que marca o sujeito.

Depois de analisado o presente factual, vejamos o que acontece com os verbos conjugados no presente habitual.

#### **4.3.1.2. Presente habitual**

O presente habitual é visto como a descrição de uma acção que, embora actual, pode não coincidir com o tempo de enunciação. Em *Copi*, o presente revela ser uma categoria aspectual, pois a marca de tempo não se dissocia do aspecto.



‘As crianças brincam’

18a) ani n-**a**-hefemul-a

eu MS-MT/MA-respirar-VF

‘eu respiro’

Olhando para os dados, notamos que o presente habitual é marcado pelo morfema **-a-** que ocorre na mesma posição que o morfema do presente factual, ou seja, entre a marca do sujeito e o radical.

Tal como se viu no presente factual, no presente habitual a forma verbal comporta, na sua estrutura, a marca do sujeito na primeira posição, seguida da marca do tempo/aspecto. E a vogal da marca do sujeito é eliminada para se desfazer o hiato que forma com a marca de tempo/aspecto.

Este é o comportamento verbal na forma afirmativa. Vejamos o que acontece quando os mesmos verbos são colocados na forma negativa.

#### **4.3.2. Forma negativa**

A forma negativa representa a negação de uma afirmação e a mesma pode ser expressa, linguisticamente, através de um morfema acoplado ao verbo, ou pode ser expressa lexicalmente.

Na língua *copi*, a expressão morfológica da negação realiza-se através de uma marca que é acoplada ao verbo.

Tal como fizemos na forma afirmativa, apresentaremos os dados organizados em dois grupos: presente factual e presente habitual.

As frases negativas que a seguir se apresentam correspondem às afirmativas acima apresentadas.

#### 4.3.2.1. Presente factual

Neste ponto, para compreendermos as alterações que o morfema de negação causa na estrutura do verbo, analisamos o verbo conjugado no presente factual, na forma negativa.

Observemos os dados:

19a) ani ni-**ká**-dy-**i**

1eu MS-MN- -comer-MN

‘eu não estou a comer’

b) cifanyana ci- **ká**- pf-**i** lindando

7-rapazito MS-MN-ouvir-MN 9-canção

‘o rapazito não está a ouvir uma canção’

20a) Mami ni mwanana va- **ká**-sek-**i**

1mãe e 1criança MS-MN-rir-MN

‘a mamã e a criança não estão a rir’

b) ene a-**ká**-dil- **i**

ele MS-MN-chorar-MN

‘ele não está a chorar’

22a) Tembe a-**ká**-xamul-**i** dipapilo

1Tembe MS-MN-reponder-MN 3-carta

‘Tembe não está a responder à carta’

b) Vanana        va-**ká**-sakan-**i**  
2-criança       MS- MN-brincar-MN  
'As crianças estão a brincar'

23a) ani        ni-**ká**-hefemul-**i**  
1eu        MS-MN-respirar-MN  
'eu não estou a respirar'

Os exemplos acima revelam que a forma negativa resulta em algumas alterações na morfologia da forma verbal. Primeiro, temos a presença da marca de negação que é o morfema descontínuo -**ka...-i**, onde o morfema **-ki-** é um prefixo que ocorre, imediatamente, a seguir à marca de sujeito e o morfema **-i** é um sufixo que ocorre em posição final da forma verbal.

Segundo, a presença da marca de negação ocasiona o desaparecimento da marca de tempo que, na afirmativa, era **-o-**. Em contrapartida, a expressão de tempo é feita através do tom, o que nos leva a concluir que o presente factual da forma negativa é marcado pelo tom alto (´).

#### 4.3.2.2. Presente habitual

Neste subponto veremos o que acontece na estrutura da forma verbal, no presente habitual da forma negativa. Observemos os exemplos:

24a) ani        ni-**kà**-dy-**i**        dipawa  
eu        MS-MN-comer-MN 5-pão  
'eu não como pão'



- b) cifanyana      ci-**kà**-pf-i                  lindando  
7-rapazito      MS- MN-ouvir-MN    9-canção  
‘o rapazito não ouve uma canção’
- 25a) Mami ni mwanana      va-**kà**-sek-i  
1-mãe e 1-criança      MS-MN-rir-MN  
‘a mamã e a criança não riem’
- b) Ene      a-**kà**-dil-i  
ele      MS-MN-chorar-MN  
‘ele não chora’
- 26a) Tembe a-**kà**-xamul-i                  dipapilo  
Tembe MS-MN-responder-MN      5-carta  
‘Tembe não responde à carta’
- b) Vanana              va-**kà**-sakan-i  
2-criança      MS-MN-brincar-MN  
‘As crianças não brincam’
- 27a) ani      ni-**kà**-hefemul-i  
eu      MS-MN-respirar-MN  
‘eu não respiro’

No presente habitual, a marca de negação é **-ka-**, que ocorre na posição imediatamente depois da marca de sujeito e antes da raiz. Tal como no presente factual, o morfema de tempo é marcado

através de um elemento suprasegmental, um tom baixo (´), diferente do presente factual que é marcado por tom alto. O tom baixo que marca o tempo é suportado pela vogal da marca de negação.

Portanto, na forma negativa, o tempo presente é marcado a nível supra-segmental por um tom, podendo ser alto ou baixo, conforme se trate de presente factual ou de presente habitual, respectivamente.

Na forma afirmativa, o presente habitual é marcado pelo morfema **-a-** na posição imediatamente a seguir à marca de sujeito. A afixação deste morfema resulta na elisão da vogal da marca de sujeito. Este fenómeno ilustra aquilo que é defendido pela Fonologia Lexical, quadro teórico usado no presente estudo, a relação entre a morfologia e a fonologia que é entrelaçada. Isto é, os processos morfológicos desencadeiam fenómenos fonológicos. Isto pode ser representado da seguinte forma:

- |      |                           |                       |                            |
|------|---------------------------|-----------------------|----------------------------|
| i.   | Morfologia:               | Afixação da MT/A      | MS- <b>o/a</b> -radical-VF |
| ii.  | Fonologia:                | Elisão da vogal da MS | MS- <b>o/a</b> -radical-VF |
| iii. | C- <b>o/a</b> -radical-VF | output                | v-a-sakan-a                |

O presente factual é marcado pelo morfema **-o-** que ocorre na posição imediatamente a seguir à marca de sujeito. E tal como no presente habitual, a vogal da marca de sujeito sofre elisão.

Depois de analisado o tempo presente, passamos para a análise do futuro, olhando para os morfemas que o marcam, a estrutura morfológica da forma verbal e as regras fonológicas resultantes da afixação dos processos morfológicos.

#### **4.4. Tempo futuro**

Segundo Guthrie (1970), no tempo futuro podem ocorrer duas ou mais divisões. No caso da língua *copi* ocorrem duas divisões: próximo e distante.

Diferente do passado, em que as ideias de remoto e recente só nos são fornecidas pelo advérbio, no futuro, a informação relativa ao momento em que a acção toma lugar (se próximo ou distante) é reflectida na forma verbal. A análise será baseada nessa subdivisão para facilitar a compreensão do comportamento dos morfemas que fazem parte da estrutura da forma verbal.

Começaremos pelo futuro próximo.

##### **4.4.1. Futuro próximo**

Tal como o fizemos em relação ao tempo presente, para permitir uma melhor abordagem da estrutura morfológica da forma verbal, a análise do tempo futuro será feita de acordo com as formas afirmativa e negativa.

###### **4.4.1.1. Forma afirmativa**

A forma afirmativa, tal como afirma Ngunga (2004) transmite mensagens que carregam consigo uma afirmação positiva. Neste caso, analisamos afirmações positivas de acções futuras, aquelas que são posteriores ao momento da enunciação, como ilustram os dados a seguir:

- 28a) ani ni-**na**-dy-a nyhansi  
 eu MS-MT-comer-VF hoje  
 ‘eu comerei, hoje’
- b) Cifanyana ci-**na**-pf-a lindando nyhansi  
 7-rapazito MS-MT-ouvir-VF 9-canção hoje  
 ‘o rapazito ouvirá uma canção, hoje’
- 29a) Mami ni mwanana va-**na**-sek-a nyhansi  
 1-mãe e 1-criança MS-MT-rir-VF hoje  
 ‘a mamã e a criança hão-de rir, hoje’
- b) Ene a-**na**-dil-a nyhansi  
 ele MS-MT-chorar-VF hoje  
 ‘ele chorará’
- 30a) Tembe a-**na**-xamul-a dipapilo nyhansi  
 Tembe MS-MT-responder-VF 5-carta hoje  
 ‘Tembe responderá à carta, hoje’
- b) Vanana va-**na**-sakan-a nyhansi  
 crianças MS-MT-brincar-VF hoje  
 ‘As crianças brincarão, hoje’
- 31a) ani ni-**na**-hefemul-a nyhansi  
 eu MS-MT-respirar-VF hoje

‘eu respirarei, hoje’

Em *Copi*, o futuro próximo é marcado pelo morfema **-na-**, colocado na posição imediatamente a seguir à marca de sujeito e adjacente à raiz. Essas acções enunciadas, tal como se apresentam acima, indicam que a acção só terá lugar no mesmo dia da enunciação. Em (28a) colocámos o advérbio (**hoje**) apenas para ilustrar em que momento a acção terá lugar, podendo ser omissa pois, as formas verbais, quando produzidas com o morfema **-na-** mostram sempre que a acção só poderá acontecer no mesmo dia de enunciação.

Como se observa, a colocação do morfema de tempo não altera, fonologicamente, a estrutura do verbo. Veja-se a seguir o que acontece com a forma negativa.

#### 4.4.1.2. Forma negativa

Os dados abaixo correspondem à forma negativa dos dados vistos em (28-31), acima:

32a) ani ni-**na-mpi**-dy-a nyhansi

eu MS-MT-MN-comer-VF hoje

‘eu não comerei, hoje’

b) Cifanyana ci-**na-mpi**-pf-a lindando nyhansi

7-rapazito MS-MT-MN-ouvir-VF 9-canção hoje

‘o rapazito não ouvirá uma canção, hoje’

33a) Mami ni mwanana va-**na-mpi**-sek-a nyhansi

1-mãe e 1-criança MS-MT-MN-rir-VF hoje

‘a mamã não hão-de rir, hoje’

b) ene a-**na-*mbi***-dil-a nyhansi

ele MS-MT-MN-chorar-VF hoje

‘ele não chorará, hoje’

34a) Tembe a-**na-*mbi***-xamul-a dipapilo nyhansi

Tembe MS-MT-MN-responder-VF 5-carta hoje

‘Tembe não responderá à carta, hoje’

b) Vanana va-**na-*mbi***-sakan-a nyhansi

2-criança MS-MT-MN-brincar-VF hoje

‘As crianças não brincarão, hoje’

35a) Ani ni-**na-*mbi***-hefemul-a nyhansi

eu MS-MT-MN-respirar-VF hoje

‘eu não respirarei, hoje’

Os exemplos acima mostram uma estrutura da forma verbal em que a marca do sujeito ocupa a posição inicial seguida da marca de tempo (-**na-**) que, por sua vez, se faz seguir da marca de negação (-**mbi-**) que ocorre, imediatamente, antes da raiz.

Note-se que, diferente do tempo presente analisado acima, a marca de tempo do futuro próximo mantém-se a mesma (-**na-**) nas formas afirmativa e negativa, ocorrendo imediatamente antes da marca de sujeito.

Analisado o futuro próximo, passamos à análise do futuro distante.

#### 4.4.2. Futuro Distante

Tal como se apresentou na subsecção anterior, a análise será dual, ou seja, analisamos a forma afirmativa e a forma negativa.

#### 4.4.2.1. Forma afirmativa

Na forma afirmativa, o tempo futuro continua marcado pelo morfema **-na-**. Mas o mesmo vem acompanhado de um outro morfema, **-ta-**. É este morfema que associado ao morfema **-na-** marcará a distância da acção.

Os exemplos que se seguem mostram formas verbais que revelam a realização da acção num momento distante da acção próxima.

- 36a) ani ni-**na-ta**-dy-a                      mangwana  
 eu MS-MT-comer-VF                      amanhã  
 ‘eu comerei, amanhã’
- b) Cifanyana      ci-**na-ta**-pf-a                      lindando                      utawu  
 7-rapazito      MS-MT-ouvir-VF      9-canção                      depois de amanhã  
 ‘o rapazito ouvirá uma canção, depois de amanhã’
- 37a) Mami ni mwanana      va-**na-ta**-sek-a                      divhiki ditaku  
 1-Mãe e 1-criança      MS-MT-rir-VF                      próxima semana  
 ‘a mamã e a criança hão-de rir, na próxima semana’
- b) ene      a-**na-ta**-dil-a                      n’cima utaku  
 ele      MS-MT-chorar-VF                      próximo mês  
 ‘ele chorará, no próximo mês’
- 38a) Tembe                      a-**na-ta**-xamul-a                      dipapilo                      mangwana  
 1-Tembe                      MS-MT-responder-VF                      5-carta                      amanhã

‘Tembe responderá à carta, amanhã’

b) Vanana        va-**na-ta**-sakan-a        utawu

2-criança        MS-MT-brincar-VF        depois de amanhã

‘As crianças brincarão’

39. ani        ni-na-ta-hefemul-a        divhiki ditaku

eu        Ms-MT-respirar-VF        próxima semana

‘eu respirarei, na próxima semana’

Os exemplos acima mostram a realização da acção num momento. Mas o momento de realização destas últimas acções é marcado por uma distância relativamente aos exemplos anteriores. E os advérbios (**mangwana, utawu, divhiki ditaku, n’cima utaku**) são colocados apenas para enfatizar tal distância, pois a partir do morfema **-nata-** o falante sabe que se trata de um futuro distante de hoje, podendo ser a qualquer momento depois de hoje (**amanhã, depois de amanhã, próxima semana, no mês seguinte, etc**)

Neste futuro distante temos o morfema **-nata-** colocado logo a seguir à marca de sujeito e antes da raiz a marcar o tempo.

#### 4.4.2.2. Forma negativa

Analisada a forma afirmativa, vamos ver como se desencadeia a morfologia da forma verbal na forma negativa. Observemos os dados:

40a) ani        ni-**na-mpi-ta**-dy-a        mangwana

eu        MS-MT-comer-VF        amanhã

‘eu não comerei, amanhã’



- b) Cifanyana      ci-**na-*mbi-ta***-pf-a              lindando      utawu  
7-*rapazito*      MS-MT-MN-MT-ouvir-VF      9-*canção*      depois de amanhã  
‘o rapazito não ouvirá uma canção, depois de manhã’
- 41a) Mami ni mwanana      va-**na-*mbi-ta***-sek-a              divhiki ditaku  
1-*mãe* e 1-*criança*      MS-MT-MN-MT-rir-VF      próxima semana  
‘a mamã não hão-de rir, na próxima semana’
- b) ene      a-**na-*mbi-ta***-dil-a              n’cima utaku  
ele      MS-MT-MN-MT-chorar-VF              próximo mês  
‘ele não chorará, no próximo mês’
- 42a) Tembe              a-**na-*mbi-ta***-xamul-a              dipapilo      dilembe ditaku  
1-Tembe              MS-MT-MN-MT-reponder-VF              5-*carta*      próximo ano  
‘Tembe não responderá à carta no próximo ano’
- b) Vanana              va-**na-*mbi-ta***-sakan-a              mangwana  
2-*criança*              MS-MT-MN-MT-brincar-VF              amanhã  
‘As crianças brincarão, amanhã’
- 43a) ani              ni-**na-*mbi-ta***-hefemul-a              utawu  
eu              MS-MT-MN-MT-respirar-VF              depois de manhã  
‘eu não respirarei, depois de amanhã’

Os exemplos acima mostram a realização do futuro na forma negativa marcada pelo morfema -**mbi-**. Em relação ao tempo continuamos a ter o morfema descontínuo **-na- -ta-**, em que **-na-**

ocupa a posição adjacente à marca de sujeito e **-ta-**, adjacente ao radical e depois da marca de negação.

Portanto, no futuro próximo da forma negativa, há alteração da estrutura morfológica do verbo.

O morfema de negação vai-se posicionar entre os morfemas de tempo e aspecto.

Depois de descrita a estrutura da forma verbal nos dois tempos, presente e futuro, vejamos a distribuição dos morfemas da forma verbal na estrutura de Ngunga (2000).

#### 4.5. A representação do presente e futuro na estrutura morfológica do verbo, em Copi

Tal como referimos no capítulo anterior, o nosso estudo baseia-se na estrutura apresentada por Ngunga (2000). Neste ponto, vamos apresentar a distribuição dos morfemas descritos nas secções anteriores, dentro da estrutura morfológica da forma verbal.

Para uma melhor compreensão apresentaremos, primeiro, a sequência dos morfemas na estrutura da forma verbal de cada um dos tempos e, por fim, faremos uma análise conjunta, ou seja, colocando os morfemas dos dois tempos em questão de forma paralela.

Tomaremos como exemplo o verbo **kudya** ‘comer’.

Os morfemas serão apresentados, numa estrutura plana, para facilitar a compreensão.

**Tabela: Distribuição dos morfemas do presente**

|  |  | Pré-Tema |    |                |     | Macro-tema |      |           |    |
|--|--|----------|----|----------------|-----|------------|------|-----------|----|
|  |  | PI       | MS | PS (T, A, Neg) |     | MO         | raiz | Extensões | VF |
|  |  |          |    | Neg            | T/A |            |      |           |    |
|  |  |          |    |                |     |            | -dy- |           | -a |

|          |      |   |       |      |     |  |      |  |    |
|----------|------|---|-------|------|-----|--|------|--|----|
| Presente | Afir | - | n(i)- |      | -o- |  | -dy- |  | -a |
| Factual  | Neg  | - | ni-   | -ká- |     |  | -dy- |  | -i |
| Presente | Afir | - | n(i)- |      | -a  |  | -dy- |  | -a |
| Habitual | Neg  | - | ni-   | -kà- | -   |  | -dy- |  | -i |

**Legenda: PI = pré- inicial; MS= marca de sujeito; PS= pós –inicial, esta inclui as marcas de Tempo, Aspecto e Negação; MO= marca de objecto; VF= vogal final**

A tabela acima mostra a distribuição dos morfemas que marcam o tempo presente, factual e habitual, nas formas afirmativa e negativa.

Como se pode observar, a posição pós-sujeito é ocupada pelas marcas de negação, tempo e aspecto, como prevê a estrutura de Ngunga (2000).

A marca de tempo/aspecto desaparece na forma negativa e dá lugar ao tom que é suportado pela vogal da marca de negação.

A posição inicial é ocupada pela marca de sujeito, seguida das marcas de negação e de tempo, que antecedem a raiz e por fim a vogal final **-a** (na forma afirmativa) ou **-i** (na forma negativa). A vogal da marca de sujeito na forma afirmativa é elidida como medida de resolução do hiato que, entretanto, se cria com a colocação pela morfologia de duas vogais adjacentes, o que evidencia a interação entre a morfologia e a fonologia defendida pela teoria da Fonologia Lexical.

Depois de vermos a distribuição dos morfemas do presente, passemos à distribuição dos morfemas do futuro.

**Tabela: Distribuição dos morfemas do futuro (próximo e distante)**

|          |      | Pré-Tema |     |                |       |      | Macro-tema |      |           |    |
|----------|------|----------|-----|----------------|-------|------|------------|------|-----------|----|
|          |      | PI       | MS  | PS (T, A, Neg) |       |      | MO         | Raiz | Extensões | VF |
|          |      |          |     | T/A            | Neg   | T/A  |            |      |           |    |
|          |      |          |     |                |       |      |            | -dy- |           | -a |
| Futuro   | Afir | -        | ni- | -na-           |       |      |            | -dy- |           | -a |
| Próximo  | Neg  | -        | ni- | -na-           | -mbi- |      |            | -dy- |           | -a |
| Futuro   | Afir | -        | ni- | -na-           |       | -ta- |            | -dy- |           | -a |
| Distante | Neg  | -        | ni- | -na-           | -mbi- | -ta- |            | -dy- |           | -a |

**Legenda: Legenda: PI = pré- inicial; MS= marca de sujeito; PS= pós –inicial, esta inclui as marcas de Tempo, Aspecto e Negação; MO= marca de objecto; VF= vogal final**

A tabela acima mostra a distribuição dos morfemas do tempo futuro. Tal como a estrutura da forma verbal do presente, a do futuro compreende uma marca de sujeito na posição inicial, seguida da marca de tempo e depois da marca de negação que, por sua vez, ocorrem, imediatamente, antes da raiz, que é seguida pela vogal final.

Constatámos, ainda, que no futuro distante a marca de tempo sofre uma quebra, pois é inserida a marca de negação no interior da mesma.

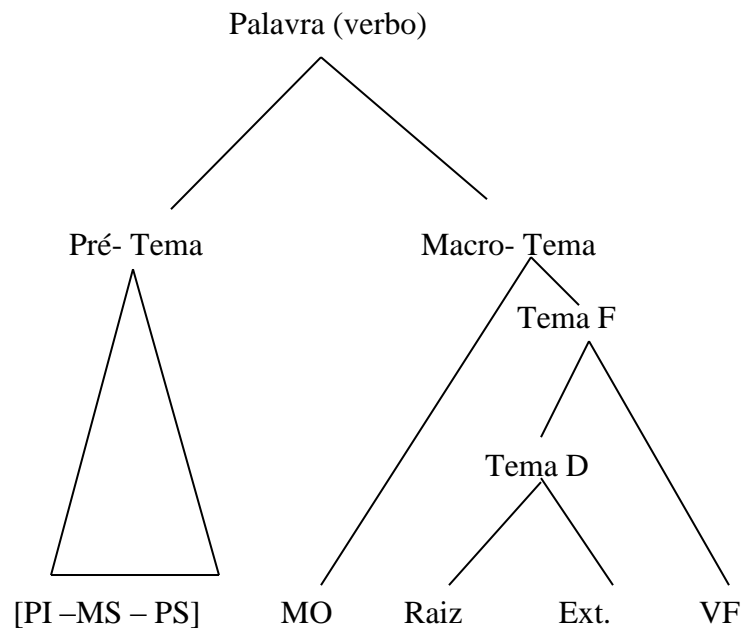
Observando as duas tabelas constata-se que na posição pós-sujeito (ocupada pelos morfemas de tempo, aspecto e negação) a ordenação dos mesmos é diferente.

No presente, o morfema de negação antecede os morfemas de tempo/aspecto, enquanto no futuro o morfema de negação ocorre entre as marcas de tempo e aspecto.

Neste capítulo analisámos a estrutura da forma verbal *copi*, nos tempos presente e futuro, nas suas formas, afirmativa e negativa com o intuito de ver que morfemas marcam os dois tempos e que posições ocupam os mesmos à luz da estrutura morfológica do verbo proposta por Ngunga (2000). Como quadro teórico, socorremo-nos da Morfologia e Fonologia Lexical (Kiparsky 1982, 1985).

Depois de analisados os dados podemos afirmar que o tempo presente, visto como uma categoria aspectual e não como uma categoria temporal, é marcado por dois morfemas: **-a-** e **-o-** na posição pós-sujeito e pré-tema. O futuro é marcado pelos morfemas **-na-** e **-na-ta-**, ocupando a mesma posição, pré-tema e pós-sujeito.

Vejamos a representação em árvore, tal como propõe Ngunga (2000), dos morfemas.



|                       | [PI -MS - PS] | MO | Raiz   | Ext.        | VF |
|-----------------------|---------------|----|--------|-------------|----|
| Pass Perf             | ni-           |    | -dy-   | <b>-it</b>  | -e |
| Pass Perf             | ni-           |    | -bhik- | <b>-il-</b> | -e |
| Pass Impef            | ni- ti-       |    | -dy-   |             | -a |
| Pres Fact/ afirmativa | n(i)- -o-     |    | -dy-   |             | -a |
| Pres Fact/ negativa   | ni- - ká-     |    | -dy-   |             | -i |
| Pres Hab/ afirmativa  | n(i)- -a-     |    | -dy-   |             | -a |
| Pres Hab/ negativa    | ni- -kà-      |    | -dy-   |             | -i |
| Fut Prox              | ni- -na-      |    | -dy-   |             | -a |
| Fut Dist              | ni- -na-ta-   |    | -dy-   |             | -a |

Saliente-se que as posições do objecto e das extensões não foram aqui preenchidas porque não constituíam objecto da nossa análise pois, pretendíamos analisar a morfologia flexional, olhando para a forma verbal na sua forma simples e os processos fonológicos decorrentes dessa flexão.

Tomando em conta a flexão do verbo no passado, nota-se que é preciso acrescentar uma posição à estrutura proposta por Ngunga (2000). Tal posição deve dar conta da ocorrência da marca de tempo em posição pós-raiz, pois, podemos observar que no passado, a forma verbal acomoda a marca de tempo (**-il-e/-it-e**) e a marca de negação (...**-i**) na posição do tema.

## **CAPÍTULO V**

### **5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

#### **5.1. Introdução**

Neste capítulo apresentaremos algumas conclusões a que chegámos depois de analisados os dados referentes à forma verbal nos tempos presente e futuro da língua *copi*.

Deve-se salientar que, para alcançar o nosso objectivo foram colocadas hipóteses na tentativa de se responder à nossa inquietação. Foi nessa linha que se desenvolveu o nosso trabalho cujas conclusões e recomendações se apresentam a seguir.

#### **5.2. Conclusões e recomendações**

O nosso trabalho tinha como objecto de análise a forma verbal na língua *copi*. Para o estudo desse objecto foram definidos objectivos, sendo o principal o de caracterizar a estrutura verbal da língua *copi* no tempos presente e futuro, prestando atenção para os morfemas que marcam esses tempos, as posições que ocupam na estrutura morfológica da forma verbal, bem como as regras morfofonológicas que permitem a concatenação dos vários elementos que compõem a estrutura verbal.

Definidos os objectivos, como estratégia de condução do trabalho, colocamos uma questão, cujas possíveis respostas constituíram as seguintes hipóteses: (i) Os tempos, presente e futuro, são marcados, exclusivamente, por elementos morfológicos segmentais; (ii) Os tempos, presente e futuro, são marcados, exclusivamente, por elementos tonais; (iii) Os tempos, presente e futuro, são marcados por elementos morfológicos segmentais e tom e (iv) a posição exacta dos morfemas segmentais e o tipo de tom são determinados pela estrutura e forma do verbo.



Foi no intuito de validar ou refutar essas respostas que o nosso trabalho se desenvolveu com base na Teoria de Morfologia e Fonologia Lexical (Kirpasky 1982, 1985), um modelo que assume que, quando se aplica uma regra morfológica as regras fonológicas são automaticamente activadas, podendo as mesmas ser aplicadas a nível lexical ou pós-lexical. Para a nossa análise tomámos o nível lexical.

Embora se tenha tomado o modelo de análise segmental não se colocou de lado a possibilidade da análise suprasegmental, pois a língua *copi* para além de segmentos mostra fazer uso de elementos suprasegmentais, sobretudo o tom (gramatical).

Definido o modelo de análise, passámos então à análise dos dados da língua *copi* e como estratégia estudámos as formas verbais em cada um dos tempos (presente e futuro), nas suas formas afirmativa e negativa, na expectativa de observar melhor o comportamento estrutural das formas verbais.

Depois de analisados os dados, confirmámos duas hipóteses (iii) e (iv) segundo as quais: (iii) os tempos, presente e futuro, são marcados por elementos morfológicos segmentais e tom e (iv) a posição exacta dos morfemas segmentais e o tipo de tom são determinados pela estrutura e forma do verbo. Portanto, os dados mostraram que em *Copi*, o tempo/aspecto é marcado por elementos segmentais e pelo tom da seguinte maneira: (i) o presente é marcado pelos morfemas **-o-** (presente factual) e pelo morfema **-a-** (presente habitual) na forma afirmativa; e na forma negativa (marcada pelo morfema **-ka-**) a fonologia dá lugar a um elemento suprasegmental, o tom, sendo o presente factual marcado pelo tom alto (´) e o presente habitual pelo tom baixo (˘).

A regra de elisão predominou no processo de resolução de hiatos criados pela concatenação de morfemas que criavam condições para que vogais ocorressem em sequência, uma evidência

inequívoca da interacção entre a morfologia e a fonologia, assunto devidamente tratado através do instrumento de análise previamente escolhido, a morfologia e fonologia lexical.

O tempo futuro é marcado pelo morfema **-na-**, no futuro próximo e o futuro distante marcado pelos morfemas **-na** e **-ta-**.

Notámos que, à semelhança do Changana, Makonde, Rhonga, o *Copi* recorre ao tom para a marcação do tempo.

Depois de encontradas as marcas de tempo/aspecto do presente e futuro, na língua *copi* passámos à distribuição dos morfemas na estrutura morfológica dos verbos em bantu, proposta por Ngunga (2000) tendo-se notado a necessidade de se acrescentar àquela estrutura uma posição no tema, para acomodar a marca de tempo passado que em *Copi* ocorre entre a extensão e a vogal final.

Assim, uma proposta de estrutura morfológica da forma verbal em *Copi* seria a seguinte:

**Pré-Inicial - MS - Pós-Sujeito - MO - Raiz - Ext - Final - VF**

Onde a posição final inclui as marcas de tempo e de negação.

Os resultados acima apresentados não encerram o estudo sobre os morfemas da forma verbal em *Copi*. Pelo contrário, abrem um espaço para estudos mais desenvolvidos e que incluam outros morfemas, quer flexionais, quer derivacionais. Por isso, recomendamos que este trabalho seja uma janela para outros estudos.

## BIBLIOGRAFIA

- Afido, P. 1998. *Zinosomihiya Osoma ni Olepa Emakhuwa* (Como aprender a ler e a escrever em Makua). Maputo. Universidade Eduardo Mondlane.
- Anderson, S. R. 1994. *A-Morphous Morphology*. New York: Cambridge University Press.
- Aronoff, M. & Fudeman, K. 2005. *What is Morphology*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Austen, C. 1974. *The Tonal Structure of Portuguese Low Vowels in Kimbundu*. Boletim de Filologia 14. Pp 340-342.
- Balate Jr, R. 2010. *A Função do Tom na Marcação do tempo Futuro em Xibila*. Tese de Mestrado (não publicada). Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- Bauer, L. 1988. *Introducing Linguistic Morphology*. J.W. Arrowsmith Ltd.
- Bauer, L. 1989. *English Word-Formation*. New York: Cambridge University Press.
- Benoit, W. 1914. *Gramática Portuguesa em Língua Ronga: Bukhaneli Portuguesa - Ronga. E Dicionário Português –Ronga e Ronga –Português; Dialecto falado pelos Indígenas em Lourenço Marques*. 2ª Edição. Lourenço Marques: G. Bridel e Cie. Missão Suíça.
- Bernardo, M. 2009. *A Morfofonologia das Marcas do Passado Remoto Imperfectivo em Emakhuwa*. In Ngunga, A. (ed). *Lexicografia e Descrição das Línguas Bantu*. Coleção: “As Nossas Línguas” I. Maputo: Centro de Estudos Africanos. Universidade Eduardo Mondlane.
- Bruce, H. 2009. *Introductory Phonology*. Chichester: Wiley- Blackwell.
- Bybee, J., Perkins, R. & Pagluica, W. 1994. *The Evolution of the Grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. London: University Of Chicago Press.
- Carter, H. 1973. *Tonal data in Comparative Bantu*. ALS 14. Pp 36-52.

- Comrie, B. 1981. *Language Universals and Linguistic Typology: syntax and morphology*.  
Chicago: University of Chicago Press.
- Comrie, B. 1985. *Tense*. New York: Cambridge University Press.
- Cunha, C. & Cintra, L. 1998. *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. 11ª Edição.  
Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Dos Santos, L. F. 1941. *Gramática da Língua Chope*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de  
Moçambique.
- Fumo, P. 2009. Tempo e Aspecto em Rhonga. In: Ngunga, A. (ed) 2009. *Lexicografia e  
Descrição das Línguas Bantu*. Coleção: “As Nossas Línguas” I. Maputo: Centro de  
Estudos Africanos. Universidade Eduardo Mondlane.
- Gleason Jr, A. 1961. *An Introduction to Descriptive Linguistics*. New York: Holt, Rinehart and  
Winston.
- Guthrie, M. 1976/71. *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and  
prehistory of the Bantu languages*. Vols. I-IV. Clarendon: Oxford University.
- Hall, R. A. 1983. *Proto-Romance Morphology*. Amsterdam: John Benjamins BV.
- Hyman, L. 1975. *Phonology: Theory and Analysis*. San Francisco: Holt, Rinehart and Wiston.
- Hornstein, N. 1993. *As time goes by: tense and universal grammar*
- Katamba, F. 1989. *An Introduction to Phonology*. London and New York: Longman
- Katamba, F. & Stonham, J. 2006. *Morphology*. 2a edição. New York: Palgrave Macmillan.
- Katupha, J. M. 1991. *The Grammar of Emakhuwa Verbal Extensions: an investigation of the role  
of the extension morphemes in derivational verbal morphology and in grammatical  
relations*. Tese de Doutoramento (não publicada). Universidade de Londres.

- Kiparsky, P. 1982. Lexical Morphology and Phonology. *Linguistics en the Morning Calm*. The Linguistics Society of Korea. Seoul, Hanshin Publishing C°.
- Kiparsky, P. 1985. Some Consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 2. Pp 83-136.
- Langa, D. 2001. Reduplicação em Changana. Tese de Licenciatura (não publicada). Maputo. Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Universidade Eduardo Mondlane.
- Langa, D. 2002. Algumas Reflexões em volta das Classes Locativas em Changana. In Direcção Científica (ed). *III Seminário de Investigação na UEM: Livro de Comunicações*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Langa, D. 2008. O Aspecto no Passado Afirmativo na Morfologia Verbal do Changana. Tese de Mestrado (não publicada. Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Universidade Eduardo Mondlane.
- Langa, D. 2013. *Morfofonologia do Verbo em Changana*. Colecção: As Nossas Línguas. Maputo: Centro de Estudos Africanos. Universidade Eduardo Mondlane.
- Liphola, M. 2001. Aspets of Phonology and Morfology of Shimakonde. Tese de Doutoramento (não publicada). Universidade de Ohio.
- Liphola, M. 2010. Propondo o encontro entre a fala e a escrita: da necessidade de inclusão do tom na ortografia padronizada de Shimakonde. In Langa, P. (ed) *Folha de Linguística e Literatura*. Nº 16. Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Departamento de Linguística e Literatura. Pp 6-15.
- Ludlow, P. 1999 *Semantics, Tense and Time: an essay in the metaphysics of natural languages*. Massachusetts: The MIT Press.

- Macalane, G. 1993. Tempo e Aspecto em Cinyanja. Dissertação de Licenciatura (não publicada).  
Maputo. Instituto Superior Pedagógico
- Mateus et al. 1989. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Caminho.
- Matsinhe, S. 1994. The Status of Verbal Affixes in bantu Languages with Special Reference to  
Tsonga: problems and possibilities. *South African Journal of African languages*, 14. Pp  
163-176.
- Meussen, A. 1967. *Bantu Grammatical Reconstructions*. Tervuren: Annales du Musée Royale  
de  
L'Afrique Centrale.
- Miti, L. 2006. *Comparative Bantu Phonology and Morphology: A Study of the Sound Systems  
and  
Word Structure of the Indigenous Languages of Southern Africa*. Pretoria: CASAS.
- Mutaka, N. & Tamanji, P. 2000. An Introduction to African Linguistics. Munich: Lincom Europa.
- Ngunga, A. 1997. *A Lexical Phonology and Morphology of the Ciyao Verb Stem*. Berkeley:  
UMI
- Ngunga, A. 1999. Restrições na combinação e ordem dos sufixos verbais em Ciyao.  
In: Simango, A. (ed) 1999. Foha Linguística nr 3. Maputo: Imprensa Universitária. Pp 8-  
18.
- Ngunga, A. 2000. *Phonology and Morphology of the Ciyao Verb*. California: CSLI Publications.
- Ngunga, A. 2002. *Elementos de Gramática da língua Yao*. Maputo: Imprensa Universitária.  
Universidade Eduardo Mondlane.
- Ngunga, A. 2004. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.  
Universidade Eduardo Mondlane

- Ngunga, A. & Faquir, O. 2011. (eds) *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Coleção “As Nossas Línguas” III. Maputo: Centro de Estudos Africanos. Universidade Eduardo Mondlane.
- Ngunga, A. & Simbine, M. 2012. *Gramática Descritiva da Língua Changana*. Coleção “As Nossas Línguas” IV. Maputo: Centro de Estudo Africanos. Universidade Eduardo Mondlane.
- Nhantumbo, N. 2009. A Morfofonologia da Marca do Passado na Língua Copi. In Ngunga, A. (ed). *Lexicografia e Descrição das Línguas Bantu*. Coleção: “As Nossas Línguas” I. Maputo: Centro de Estudos Africanos. Universidade Eduardo Mondlane.
- Nogueira, R. 1957. *O Ronga*. Junta de Investigações do Ultramar. Centro de Estudos Políticos e Sociais.
- Nogueira, R. 1959. *Temas de Linguística Banta: Apontamentos de Sintaxe Ronga*. Edição 18. Centro de Estudos Políticos e Sociais.
- Nogueira, R. 1960. *Dicionário Ronga – Português*. Junta de Investigações do Ultramar. Centro de Estudos Políticos e Sociais.
- Nurse, D. 2003. Aspect and Tense in Bantu Languages. In Nurse, D. & Philippson, G. (eds). 2003. *The Bantu Languages*. London and New York: Routledge. Pp 90-102.
- Prata, A. 1960. *Gramática da Língua Macua e seus Dialectos*. Escola Tipográfica das Missões.
- Ruiz, J. 1996. *Metodologia Científica: Guia para eficiência nos estudos*. 4ª Edição. São Paulo: Atlas.
- Severino, A. 2001. *Metodologia de Trabalho Científico*. 21 Edição. São Paulo: Cortez.
- Sitoe, B. 2001. *Verbs of Motion in Changana*. Leiden: CNWS University of Leiden.

- Sitoe, B. & Ngunga, A. 2000. (eds). *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: NELIMO, Universidade Eduardo Mondlane.
- Sitoe, B.; Mahumane, N.; Langa, P. 2008. *Dicionário Ronga – Português*. Maputo: CIPROMETRA.
- Spencer, A. & Zwicky, A. M. 1998. *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishers
- Spencer, A. 1998. Morphofonological operations. In Spencer & Zwicky 1994 (eds). *The Handbook of Morphology*. Pp123-143. Oxford: Blackwell Publishers
- Spencer, A. 1993. *Morphological Theory: An Introduction to word structure in generative grammar*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Torrend, J. 1898. *Catecismo Sena- Português*
- Torrend, J. 1900. *Grammar of Chisena: a Grammar of the Language of the Lower Zambeze*. Chipanga
- Weiss, H. 1988. *Fonética Articulatória: Guia de Exercícios*. 3ª Edição. Brasília. Summer Institute of Linguistics.



## Anexo

Lista de verbos conjugados na 1ª Pessoa do Singular, do presente e futuro

|     |           | Infinitivo   | Presente   | Futuro       |
|-----|-----------|--------------|------------|--------------|
| 1.  | Comer     | -dya         | nodya      | ninadya      |
| 2.  | Chorar    | -dila        | nodila     | ninadila     |
| 3.  | Beber     | -sela        | nosela     | ninasela     |
| 4.  | Engolir   | -mita        | nomita     | ninamita     |
| 5.  | Defecar   | -nya         | nonya      | ninanya      |
| 6.  | Falar     | -wombomba    | nowombomba | ninawombomba |
| 7.  | Rir       | -seka        | noseka     | ninaseka     |
| 8.  | Ouvir     | -pfa         | nopfa      | ninapfa      |
| 9.  | Olhar     | -duka        | noduka     | ninaduka     |
| 10. | Ver       | -wona        | nowona     | ninawona     |
| 11. | Respirar  | -hefemula    | nohefemula | ninahefemula |
| 12. | Responder | -xamula      | noxamula   | ninaxamula   |
| 13. | Brincar   | -sakana      | nosakana   | ninaxamula   |
| 14. | Casar     | -chadha      | nochadha   | ninachadha   |
| 15. | Obedecer  | -xonipha     | naxonipha  | ninaxonipha  |
| 16. | Vestir    | -ambala      | noyambala  | ninayambala  |
| 17. | Acabar    | -guma/-gwita | noguma     | ninaguma     |
| 18. | Começar   | -khata       | nokhata    | ninakhata    |
| 19. | Queimar   | -hya         | nohya      | ninahya      |
| 20. | matar     | -daya        | nodaya     | ninadaya     |

Frases produzidas pelos informantes, com os verbos acima apresentados

### TEMPO PRESENTE

| Verbo  | Afirmativa       | Significado          | Negativa           | Significado               |
|--------|------------------|----------------------|--------------------|---------------------------|
| Comer  | Ani nodya dipawa | Eu estou a comer pão | Ani nikàdyi dipawa | Eu não estou a comer pão  |
|        | Ani nidya dipawa | Eu estou a comer pão | Ani nikádyi dipawa | Eu não como pão           |
|        | Ani nadya dipawa | Eu como pão          |                    |                           |
| Chorar | Ene odila        | Ele está a chorar    | Ene akadìli        | Ele não está a chorar     |
|        | Ene wadila       | Ele chora            | Ene akadíli        | Ele não chora             |
| Beber  | Awe wosela mati  | Tu estás a beber     | Awe ukasèli        | Tu não estás a beber água |

|           |                           |                                  |                            |                                     |
|-----------|---------------------------|----------------------------------|----------------------------|-------------------------------------|
|           | Awe wasela                | água<br>Tu bebes água            | Awe ukaséli                | Tu não bebes água                   |
| Engolir   | Athu homita ndiwo         | Nós estamos a engolir a comida   | Athu hikamíti ndiwo        | Nós não estamos a engolir comida    |
|           | Athu hamita ndiwo         | Nós engolimos a comida           | Athu hikamíti ndiwo        | Nós não engolimos comida            |
| Defecar   | Mwanana onya              | A criança está a defecar         | Mwanana akànyi             | A criança não está a defecar        |
|           | Mwanana wanhya            | A criança defeca                 | Mwanana akányi             | A criança não defeca                |
| Falar     | Mariya owombomba ni mami  | A Maria está a falar com a mamã  | Mariya akàwombombi ni mami | A Maria não está a falar com a mamã |
|           | Mariya wawombomba ni mami | A Maria fala com a mamã          | Mariya akáwombombi ni mami | A Maria não fala com mamã           |
| Rir       | Mami ni mwanana voseka    | A mamã e a criança estão a rir   | Mami ni mwanana vakasèki   | A mamã e a criança não estão a rir  |
|           | Mami ni mwanana vaseka    | A mamã e a criança riem          | Mami ni mwanana vakaséki   | A mamã e a criança não riem         |
| Ouvir     | Ani nopfa lindandu        | Eu estou a ouvir a canção        | Ani nikàpfi lindandu       | Eu não estou a ouvir a canção       |
|           | Ani napfa lindandu        | Eu oiço a canção                 | Ani nikápfi lindandu       | Eu não oiço a canção                |
| Olhar     | Tate abuka ngutu          | O papá está a olhar muito        | Tate akabùki ngutu         | O papá não está a olhar muito       |
|           | Tate wabuka ngutu         | O papá olha muito                | Tate akabúki ngutu         | O papá não olha muito               |
| Ver       | Mwani avona thembwe       | O genro está a ver a machamba    | Mwani akavòni thembwe      | O genro não está a ver a machamba   |
|           | Mwani wavona              | O genro vê                       | Mwani akavóni              | O genro não vê                      |
| Respirar  | Ani nohefemula            | Eu estou a respirar              | Ani nikahèfemuli           | Eu não estou a respirar             |
|           | Ani nahefemula            | Eu respiro                       | Ani nikahéfemuli           | Eu não respiro                      |
| Responder | Tembe oxamula dipapilo    | O Tembe está a responder à carta | Tembé akaxàmuli dipapilo   | Tembe não está a responder à carta  |
|           | Tembé waxamula mapapilo   | O Tembe responde às cartas       | Tembé akaxámuli mapapilo   | Tembe não responde às cartas        |
| Brincar   | Mwanana osakana ngutu     | A criança está a brincar muito   | Mwanana akasàkani ngutu    | A criança não está a brincar muito  |

|          |  |                                     |   |   |
|----------|--|-------------------------------------|---|---|
|          | Mwanana wasakana ngutu                   | A criança brinca muito              | Mwanana akasákani ngutu                     | Criança não brinca muito                |
| Casar    | Mwnana wa mina wansikati ochadha nhyansi | A minha filha está a se casar hoje. | Mwanana wa mina wansikati akachàdhi nhyansi | A minha filha não se está a casar       |
|          | ?Mwanana wa mina wansikati wachadha      | A minha filha casa-se               | Mwanan wa mina wansikati akachádhi          | A minha filha não se casa               |
| Obedecer | Ani noxonipha vatate vangu               | Eu estou a obedecer aos meus pais   | Ani nikaxòniphi vatate vangu                | Eu não estou a obedecer aos meus pais   |
|          | Ani naxonipha vatate vangu               | Eu obedeco aos meus pais            | Ani nikaxóniphi vatate vangu                | Eu não obedeco aos meus pais            |
| Vestir   | Athu hoyambala paxá                      | Nós estamos a vestir a roupa        | Athu hikayàmbali paxá                       | Nós não estamos a vestir a roupa        |
|          | Athu hayambala paxa                      | Nós vestimos a roupa                | Athu hikayámbali paxa                       | Nós não vestimos a roupa                |
| Acabar   | Ene ogwita n'thumu                       | Ele está a acabar o trabalho        | Ene akagwiti n'thumu                        | Ele não está a acabar o trabalho        |
|          | Ene agwita n'thumu                       | Ele acaba o trabalho                | Ene akagwíti n'thumu                        | Ele não acaba o trabalho                |
| Começar  | Awe wokhata n'thumu konku                | Tu estás a começar o trabalho agora | Awe ukakhati n'thumu konku                  | Tu não estás a começar o trabalho agora |
|          | Awe ukhata n'thumu wotshe nkama          | Tu comesas o trabalho sempre        | Awe ukakhati n'thumu wotshe nkama           | Tu não comesas o trabalho, sempre       |
| Queimar  | Athu hohya ngu lisani                    | Nós estamos a queimar com o calor   | Athu hikahyi ngu lisani                     | Nós não estamos a queimar com o calor   |
|          | Athu hahya ngu lisani                    | Nós queimamos com o calor           | Athu hikahyi ngu lisani                     | Nós queimamos como calor                |
| matar    | Ani nodaya khukhu                        | Eu estou a matar a galinha          | Ani nikadayi khukhu                         | Eu não estou a matar a galinha          |
|          | Ani nadaya khukhu                        | Eu mato galinha                     | Ani nikadayi khukhu                         | Eu não mato galinha                     |

## TEMPO FUTURO

| Verbo   | Afirmativa                   | Significado               | Negativa                        | Significado                         |
|---------|------------------------------|---------------------------|---------------------------------|-------------------------------------|
| Comer   | Ani ninadya dipawa           | Eu comerei pão            | Ani ninambidya dipawa           | Eu comerei pão                      |
|         | Ani ninatadya dipawa         | Eu comerei pão            | Ani ninambitadya dipawa         | Eu comerei pão                      |
| Chorar  | Ene anadila                  | Ele chorará               | Ene anambidila                  | Ele não está a chorar               |
|         | Ene anatadila                | Ele chora                 | Ene anambitadila                | Ele não chora                       |
| Beber   | Awe unasela mati             | Tu beberás água           | Awe unambisela mati             | Tu não estás a beber água           |
|         | Awe unatasela                | Tu bebes água             | Awe unambitasela mati           | Tu não bebes água                   |
| Engolir | Athu hinamita ndiwo          | Nós engoliremos a comida  | Athu hinambimíta ndiwo          | Nós não estamos a engolir comida    |
|         | Athu hinatamita ndiwo        | Nós engolimos a comida    | Athu hinambitamíta ndiwo        | Nós não engolimos comida            |
| Defecar | Mwanana ananya               | A criança defecará        | Mwanana anambinya               | A criança não está a defecar        |
|         | Mwanana anatanya             | A criança defeca          | Mwanana anambitanya             | A criança não defeca                |
| Falar   | Mariya anawombomba ni mami   | A Maria falará com a mamã | Mariya anambiwombomba ni mami   | A Maria não está a falar com a mamã |
|         | Mariya anatawombomba ni mami | A Maria fala com a mamã   | Mariya anambitawombomba ni mami | A Maria não fala com mamã           |
| Rir     | Mami ni mwanana vanaseka     | A mamã e a criança rirão  | Mami ni mwanana vanambiseka     | A mamã e a criança não estão a rir  |
|         | Mami ni mwanana vanataseka   | A mamã e a criança ríem   | Mami ni mwanana vanambitaseka   | A mamã e a criança não ríem         |
| Ouvir   | Ani ninapfa lindandu         | Eu ouvirei a canção       | Ani ninambipfa lindandu         | Eu não estou a ouvir a canção       |
|         |                              | Eu oiço a canção          |                                 | Eu não oiço a canção                |

|           |  |   |   |   |
|-----------|--|---|---|---|
|           | Ani ninatapfa lindando   |   | Ani ninambitapfa lindandu   |   |
| Olhar     | Tate anabuka ngutu<br><br>Tate anatabuka ngutu   | O papá olhará muito<br><br>O papá olha muito                          | Tate akabùki ngutu<br><br>Tate anambibuka ngutu                                       | O papá não está a olhar muito<br><br>O papá não olha muito                |
| Ver       | Mwani anavona thembwe<br><br>Mwani anativona   | O genro verá a machamba<br><br>O genro vê                             | Mwani anambivona thembwe<br><br>Mwani anambitavona                                    | O genro não está a ver a machamba<br><br>O genro não vê                   |
| Respirar  | Ani nninahefemula<br><br>Ani ninatahefemula  | Eu respirará<br><br>Eu respiro  | Ani ninambihefemula<br><br>Ani ninabitahefemula                                       | Eu não estou a respirar<br><br>Eu não respiro                             |
| Responder | Tembe anaxamula dipapilo<br><br>Tembe anataxamula mapapilo   | O Tembe responderá à carta<br><br>O Tembe responde às cartas          | Tembé anambixamula dipapilo<br><br>Tembé anambitaxamula mapapilo                      | Tembe não está a responder à carta<br><br>Tembe não responde às cartas    |
| Brincar   | Mwanana anasakana ngutu<br><br>Mwanana anatasakana ngutu   | A criança brincarà muito<br><br>A criança brinca muito                | Mwanana akasàkani ngutu<br><br>Mwanana akasákani ngutu                                | A criança não está a brincar muito<br><br>Criança não brinca muito        |
| Casar     | Mwanana wa mina wansikati anachadha nhyansi<br><br>?Mwanana wa mina wansikati anatachadha mangwana | A minha filha casar-se-á hoje.<br><br>A minha filha casar-se-á amanhã | Mwanana wa mina wansikati akachàdhi nhyansi<br><br>Mwanan wa mina wansikati akachádhi | A minha filha não se está a casar<br><br>A minha filha não se casa        |
| Obedecer  | Ani ninaxonipha vatate vangu<br><br>Ani ninataxonipha vatate vangu                                 | Eu obedecerei aos meus pais<br><br>Eu obedeço aos meus pais           | Ani nikaxòniphi vatate vangu<br><br>Ani nikaxóniphi vatate vangu                      | Eu não estou a obedecer aos meus pais<br><br>Eu não obedeço aos meus pais |
| Vestir    | Athu hinayambala paxa<br><br>Athu hinatayambala paxá   | Nós vestiremos a roupa<br><br>Nós vestimos a roupa                    | Athu hikayàmbali paxá<br><br>Athu hikayámbali paxa                                    | Nós não estamos a vestir a roupa<br><br>Nós não vestimos a roupa          |

|         |                                     |                               |                                   |   |
|---------|-------------------------------------|-------------------------------|-----------------------------------|---|
| Acabar  | Ene anagwita n'thumu                | Ele acabará o trabalho        | Ene akagwiti n'thumu              | Ele não está a acabar o trabalho        |
|         | Ene anagwita n'thumu                | Ele acaba o trabalho          | Ene akagwiti n'thumu              | Ele não acaba o trabalho                |
| Começar | Awe unakhata n'thumu konku          | Tu começarás o trabalho agora | Awe ukakhati n'thumu konku        | Tu não estás a começar o trabalho agora |
|         | Awe unatakhati n'thumu wotshe nkama | Tu comesas o trabalho sempre  | Awe ukakhati n'thumu wotshe nkama | Tu não comesas o trabalho, sempre       |
| Queimar | Athu hinahya ngu lisani             | Nós queimaremos com o calor   | Athu hikahyi ngu lisani           | Nós não estamos a queimar com o calor   |
|         | Athu hinatahya ngu lisani           | Nós queimamos com o calor     | Athu hikahyi ngu lisani           | Nós queimamos como calor                |
| matar   | Ani ninadaya khukhu                 | Eu matarei a galinha          | Ani nikadayi khukhu               | Eu não estou a matar a galinha          |
|         | Ani ninatadaya khukhu               | Eu mato galinha               | Ani nikadayi khukhu               | Eu não mato galinha                     |